

Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

1º Semestre 2012

Ciclo I - Caio Liudvik Caramicos Soares

Ciclo II - Paula Weiszflog Lisbona

Ciclo III - Andrea Gonzaga de Araujo

Ciclo IV - Fausto Antonio de Azevedo

Ciclo V - Any Marise Ortega

Ciclo VI - Marciana Borges de Freitas

Índice

Ciclo I

Caio Liudvik Caramicos Soares

“A *Meta Suspeita* de Jung e o Perigo do Método de Freud”03

Ciclo II

Paula Weiszflog Lisbona

“A Importância da Relação Mãe-bebê para a Constituição do Sujeito e o bem estar da Sociedade”11

Ciclo III

Andrea Gonzaga de Araujo

“Fôlego, Suor e Lágrimas na Adolescência”25

Ciclo IV

Fausto Antonio de Azevedo

“Possível relação entre pulsão de morte, agressividade, destrutividade e dano ambiental”29

Ciclo V

Any Marise Ortega

“A Imaginação Criadora do Analista na Situação Transferencial: Debate Teórico e Estudo de Caso”52

Ciclo VI

Marciana Borges de Freitas

“Fragmentos de um Discurso Amoroso”59

1º Semestre 2012

Ciclo I

Aluno: Caio Liudvik Caramicos Soares

Título “A Meta Suspeita de Jung e o Perigo do Método de Freud”

A 'META-SUSPEITA' DE JUNG E O PERIGO DO MÉTODO DE FREUD. Comentário a partir do filme de "Um Método Perigoso", de David Cronenberg

Como Sigmund Freud, sou um apaixonado por Carl Gustav Jung. Embora não tenha chegado ao extremo de desmaiar ante a figura imponente do "príncipe herdeiro", logo *persona non grata*, da psicanálise, compreendo intimamente o fascínio que levou Freud a tal desmaio, conforme mostrado no filme "Um Método Perigoso", do diretor David Cronenberg.

E esta paixão e este filme são meu duplo ponto de partida, subjetivo e objetivo, para a presente "elaboração", em sentido menos acadêmico que ensaístico e, por que não, psicanalítico, isto é, anímico –pois só me vale a pena uma tomada de posições anímica quando se trata de refletir sobre e com os grandes mestres da alma, como Freud e Jung.

Valho-me do fato de o filme de Cronenberg estar em cartaz entre nós neste semestre, e já figurar entre os grandes acontecimentos da cena cultural e psicanalítica brasileira deste ano. Foram muitas as resenhas de jornal, as aprovações e desaprovações, os eventos intelectuais, como no próprio CEP. Meu objetivo, porém, é distinto do de uma crítica exaustiva. O filme me serviu como um detonador de pensamento acerca de uma história que me fascina há muito: a das relações entre Freud e Jung. Gostaria aqui alcançar as bases, de modo ainda muito incipiente, para todo um ciclo de pesquisas, ao longo dos ciclos de formação psicanalítica no CEP. Antevejo possibilidades muito fecundas para a psicanálise se, como lhe é precípua, souber "escutar" também isto que lhe seduziu, lhe escapou, a subverteu: o príncipe herdeiro que virou sapo, estigmatizado ao longo das décadas como o místico, o charlatão, o nazista, o mau caráter, o aproveitador... Tanta preocupação em denegrir trai o velado reconhecimento da importância de Jung, antes, durante e depois de sua participação na história do movimento psicanalítico.

Vale começar por um esclarecimento sobre o título do filme. Por que "um método perigoso"? Claro que uma resposta mais completa envolve a compreensão ampla da história que ali é relatada, e de seus desdobramentos a respeito da essência mesma do "método" em questão, a psicanálise. Mas há uma referência mais concreta, que fica clara pelo livro que inspirou o filme: *Um Método Muito Perigoso. Jung, Freud e Sabina Spielrein: A História Ignorada dos Primeiros Anos da Psicanálise*, de John Kerr (1997).

Lemos na epígrafe do livro:

"Eu espero que Freud e seus discípulos levem suas ideias até seus limites extremos, de modo que possamos saber do que se trata. Eles não podem deixar de lançar luz sobre a natureza humana, mas confesso que pessoalmente ele me deu a impressão de um homem obcecado por ideias fixas. No meu próprio caso, não posso fazer nada com suas teorias dos sonhos e obviamente o 'simbolismo' é um método muito perigoso".

Trata-se de um trecho da carta de William James, célebre filósofo e psicólogo, ao não menos importante psiquiatra Théodore Flournoy. Datada de 28/09/1909, é um documento revelador sobre as múltiplas resistências suscitadas pela psicanálise e pelo seu "método", o simbolismo. Será correto chamar o simbolismo de "o método" do grande invento de Freud? De todo modo, foi quanto a esse método, ou quem sabe a esta forma de linguagem com que o método da "limpeza de chaminé" (Anna O.) buscava sua meta – o desvelamento com fins terapêuticos do inconsciente-, é sobre o simbolismo, enfim, que Freud e Jung viriam a divergir frontal mas não exclusivamente. O confronto, neste aspecto, foi quanto à chave hermenêutica a ser empregada na interpretação da alma e ação humanas enquanto fenômenos "simbólicos". Freud, segundo Jung, virou presa, como quer James, de uma ideia fixa – o chamado "pan-sexualismo" – da qual Jung cada vez mais se afasta. Até chegar, no livro que marca a ruptura definitiva, *Transformações e Símbolos da Libido* (notem bem o conceito de símbolo em pleno título da obra, mais tarde rebatizada de *Símbolos da Transformação*; cf. JUNG, 2007), à redefinição não só de símbolo, como também de "libido", a fonte do símbolo. Libido passa então a designar energia psíquica em geral, de que a sexualidade é um modo de expressão, não o primeiro, nem o único, nem matriz determinista para outros impulsos, como o da fome, do saber, da espiritualidade.

Isso não implica, como quiseram muitos detratores alinhados ao freudismo, que Jung tenha rejeitado, nem sequer minimizado a importância da sexualidade para o advento e vicissitudes da personalidade humana. Uma analogia, embora distante do contexto clínico, pode ser útil aqui: a célebre polêmica de Max Weber contra a doutrina marxista do determinismo econômico da sociedade. Weber (2004) não nega a importância dos fatores materiais, mas eles não impedem que outras esferas sócio-culturais, como a política, a arte, a religião, o direito, tenham lógicas próprias de transformação. Daí a tese do clássico *A Ética Protestante e o 'Espírito' do Capitalismo*: é possível ao cientista social imputar a um fator "ideal" – o ascetismo intramundano, o senso de "vocação" sagrada ao empreendimento e à prosperidade, e a doutrina calvinista ("dessolidarizante", quiçá egoísta) da predestinação -, influência decisiva para o advento da sociedade moderna, para além do conceito materialista de "capitalismo", evidentemente veraz, como dado empírico, mas dogmaticamente distorcido quando pressupõe a "superestrutura" cultural como mero epifenômeno da "infra-estrutura" das forças produtivas e relações de produção.

A analogia que eu proponho é que Jung está para Freud assim como Weber está para Marx: se Freud e Marx são os expoentes da escola da "suspeita", junto com Nietzsche, podemos dizer que Jung e Weber introduzem um "meta-suspeita". Não a meta-suspeita que, por

ambiguidade das palavras, nos remeteria aqui a algum interesse escuso – o de abafar e censurar a "verdade" última do humano, seja ela o sexo ou o interesse econômico, recalcados por racionalizações ideológicas "puritanas", quer sejam da moral privada de Jung ou da explicação sociológica da gênese capitalista, em Weber.

Por "meta-suspeita", entendo, isto sim, a ideia de uma "suspeita da suspeita". Atendo-nos à polêmica Freud X Jung, vejamos o que este diz, a certa altura de sua autobiografia, sobre as crescentes tensões com o seu então mestre tutelar:

"Tenho ainda uma viva lembrança de Freud me dizendo: 'Meu caro Jung, prometa-me nunca abandonar a teoria sexual. É o que importa, essencialmente! Olhe, devemos fazer dela um dogma, um baluarte inabalável'. Ele me dizia isso cheio de ardor, como um pai que diz ao filho: 'Prometa-me uma coisa, meu caro filho: vá todos os domingos à igreja!' Um tanto espantado, perguntei-lhe: 'Um baluarte – contra o quê?'. Ele respondeu-me: 'Contra a onda de lodo negro do...'. Aqui ele hesitou um momento e então acrescentou: '... do ocultismo!'. O que me alarmou em primeiro lugar foi o 'baluarte' e o 'dogma'; um dogma, isto é, uma profissão de fé indiscutível surge apenas quando se pretende esmagar uma dúvida, de uma vez por todas. Não se trata mais de um julgamento científico, mas revela somente uma vontade de poder pessoal" (Jung, C. G., 2006, p. 185).

Esse diálogo consta do filme de Cronenberg, mas – como de regra ao longo de todo o filme – não ultrapassa ali certa superficialidade, mal tangenciando as dimensões mais dramáticas, de cunho existencial, científico, ético, filosófico, subjacentes ao que, na tela, acaba soando mais a divergências meramente intelectuais de dois *gentlemen* cultos em conversas de salão.

Jung entendeu este episódio como um "choque" que "feriu o cerne de nossa amizade" (*Ibid.*). Ele "considerava uma verdade científica como uma hipótese, momentaneamente satisfatória, mas não um artigo de fé eternamente válido" (*Ibid.*). O abalo então vivenciado deve ser pensado à luz da experiência angustiante do pequeno Carl com relação a sua imago paterna: o pai, Paul Jung, fora um sacerdote protestante fragilizado pelo casamento turbulento, sexualmente frustrante, e também por uma fé "da boca para fora", retórica, dogmática, atormentado por dúvidas que não podia "encarar de frente", mas que acabaram levando-o à descrença, à ruína e, pouco depois, à morte (cf. Jung, *ibid*, pg. 73s). Aliás, cabe assinalar que foi um livro de Bernheim, traduzido por Freud, que tratava do fenômeno auto-sugestão psíquica como provável fonte dos "milagres" religiosos, que tirou de vez do pai animicamente moribundo de Jung as últimas muletas fideístas, acelerando o colapso (KERR, J., 1997, p. 51). Antes da "vingança" de poder romper com o mestre de Viena depois de segui-lo por algum tempo, Freud já havia "invadido" indiretamente a biografia de Jung num episódio marcante e trágico, mas desencadeador da vocação existencial e profissional do autor de *Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Chamados de Ocultos*, no início da carreira psiquiátrica e, já depois da ruptura com a psicanálise, e sem "patologia" nos títulos e na alma de suas apologias argumentativas, livros como *Psicologia e Religião*, *Psicologia e Alquimia*, entre outros: "salvar" a religião pelos poderes da compreensão psicológica.

Não por acaso um dos interesses – talvez a grande ambição – da obra de Jung viria a ser o resgate do sagrado em tempos de niilismo: não uma mera restauração dogmático-conservadora, mas uma autêntica *renovatio* simbólico-ritualística, pela integração da "sombra" (conceito central da psicologia junguiana) do absurdo, do sofrimento e do Mal. Ao meu ver, a decepção com Freud provém, em grande medida, não só da superfície secularista das opiniões do pai positivista da psicanálise, mas também do substrato anímico de tais opiniões, em que o pai positivista da psicanálise se transfigurava no pai debilitado e autoritário (com relação a si mesmo, em primeiro lugar), no *seu próprio* pai, Paul Jung.

Cabe também apontar a "meta-suspeita" operante neste momento crítico:

"Sem compreender bem, observara nessa época [da advertência "paternal" contra o lodo negro do ocultismo], observara uma irrupção de fatores religiosos inconscientes em Freud. Evidentemente, ele queria recrutar-me para uma defesa comum contra estes conteúdos inconscientes ameaçadores. (...) até então eu jamais considerara a sexualidade uma coisa flutuante, precária, à qual se deve permanecer fiel, com medo de perdê-la. Para Freud a sexualidade tinha, aparentemente, mais importância significativa do que para os demais. Era para ele uma coisa a ser observada religiosamente. (...) Parecia-me claro que Freud, proclamando sempre e insistentemente sua irreligiosidade, construía um dogma, ou melhor, substituíra o Deus ciumento que perdera por outra imagem que se impusera a ele: a da sexualidade. Ela não era menos premente, imperiosa, exigente, ameaçadora e moralmente ambivalente. Psiquicamente falando, aquilo que é mais forte e, portanto, mais temível, toma os atributos de 'divino' e de 'demoníaco'; da mesma forma, a 'libido sexual' se revestira e desempenhara nele o papel de um deus oculto" (Ibid., p. 185-186).

Uma hipótese mais simples para explicar essa supervalorização do sexual seria a de Otto Gross, o "analista libertino", no filme: Freud fala tanto por fazer tão pouco; o próprio Jung –isso não aparece no filme– ajudou historicamente a difundir essa especulação, ao reforçar os rumores de uma paixão não consumada de Freud pela cunhada e um concomitante casamento intelectualmente, e sexualmente, modorrento.

Mas, neste trecho importante das *Memórias, Sonhos e Reflexões*, a "amargura de Freud", e o quanto ela "se relacionava com sua atitude em relação à sexualidade" (Ibid., p. 187), nos remetem também a algo mais profundo: a *função religiosa* da psique, que pode se camuflar em temas "profanos" como a sexualidade psicanalítica; a meta-suspeita junguiana está em defender, com espírito "weberiano" de pluralismo metodológico, que infraestrutura e superestrutura podem não ser o que esperaríamos que fossem: o que pode estar "embaixo", pressionando e forjando as aparências do "elevado", nem sempre é o que o materialismo científico professa. Para Jung, e nesse caso específico de Freud, não é a religião que recalca o sexual, é o sexual que constela a função religiosa arquetípica da mente humana, tomando ares cripto-religiosos num discurso aparentemente científico, calcado tão somente no que "a realidade" (no caso, os pacientes da clínica) tem a dizer. Como se "a realidade" de algo tão complexo, multifacetado, ambíguo e sujeito a interpretações, como a alma humana, supostamente dissesse sempre a mesma coisa; ela é sim

o espelho forjado de nossos discursos e interesses acerca do que define (e de "quem" define) o real.

A "meta-suspeita" de Jung, porém, regride à acepção mais imediatamente pejorativa de nossa expressão, se pensarmos noutro aspecto crucial da história recontada por "Um Método Perigoso": o seu adultério com Sabina Spielrein.

Do modo como amante e esposa (Emma Jung) do jovem psicanalista (Michael Fassbender) são retratadas no filme, fica quase justificável, de um ponto de vista masculino, que Jung tenha caído em tentação: afora os dotes físicos e intelectuais de Sabina (representada pela atraente Keira Knightley), chama atenção a personalidade apagada, submissa, desinteressante, embora leal e afável, de Emma (Sarah Gadon, convenientemente destituída de uma beleza que tem, mas que aqui precisava ser insossa). Além de fugir à monotonia matrimonial que testemunhara quando criança, em sua casa, Jung cumpre também um desígnio não desprezível de sua própria "Ética" psicológica da individuação: o já mencionado confronto e diálogo com a sombra (nesse caso, dos valores morais majoritários). É o que, ao fim do filme, o atormentado futuro "velho sábio" de Kusanicht diz para Sabina: "Meu amor por você foi a coisa mais importante da minha vida. Para o bem ou para o mal. Foi o que me fez conhecer quem eu sou". E ele arremata: "Às vezes, precisamos fazer algo imperdoável para poder continuar vivendo".

Não por acaso, segundo os comentadores, o arquétipo de *anima* –a dimensão do feminino profundo na alma dos homens, e chave do confronto com o inconsciente, como o animus para as mulheres- não nasceu de meros devaneios "platônicos" de Jung, como o termo "arquétipo" poderia sugerir. Não: quem deu corpo, tormento e paixão à invenção desta ideia foi justamente Sabina Spielrein, a "anima" de Jung, a Beatriz da descida aos inferos dantescos em que Jung deixou para trás -em busca da sua alma- o tabu moral da monogamia e, como veremos, a regra ética e pragmática da abstinência em psicanálise.

As *Memórias* de Jung, sem expor esse capítulo embaraçoso de sua vida, são todavia, repletas desta alusão à necessidade do "sacrilégio" para a verdadeira redenção. É o modo peculiar como Jung relê o mestre das "Confissões" cristãs, Santo Agostinho, que exultava pela *felix culpa* de Adão que nos tornou necessitados de tão beatífica redenção em Cristo.

Caberia indagar se Jung seria tão "compreensivo" com Emma, se também ela se descobrisse "chamada" a essa odisseia adúltera.

Nisto a "meta-suspeita" junguiana é suspeita de recair no velho patriarcalismo autoritário, que arroga para si privilégios que nega à mulher e que a condenam a uma vida insípida e oprimida (vide o sofrimento de Emma com este e outros casos de infidelidade do marido, por exemplo com Toni Wolff, evocada na cena final do diálogo de Jung e Sabina).

Mas, se condenável deste prisma, a conduta de Jung tampouco merece complacência na chave ética específica da psicanálise. "Para o médico", diz Freud a propósito do fenômeno clínico da transferência, o apaixonamento da paciente "significa um esclarecimento valioso e uma advertência útil contra qualquer tendência a uma contratransferência que pode estar presente em sua própria mente. Ele deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela

situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal 'conquista', como seria chamada fora da análise. E é sempre bom lembrar-se disto" (Freud, 1988, p. 178).

A "técnica analítica", insiste Freud, "exige do médico que ele negue à paciente que anseia por amor a satisfação que ela exige. O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência" (ibid., p. 182). Cair em tentação, ceder ao *acting out*, seria fatalmente uma vitória da paciente –vitória de Pirro, pois, prevê Freud, a neurose logo se manifestaria de novo, com toda a carga de distorções e sofrimentos que haviam levado à análise, mas não cuidados dignamente pelo analista).

Aos olhos de Freud, Jung teve uma conduta repreensível não só ética mas pragmaticamente. Conexão entre ética e técnica, para a defesa da regra da abstinência, brilhantemente desenvolvida por Freud no artigo "Observações sobre o amor transferencial", de 1914. Aliás, em que medida não se trata de uma réplica velada a seu ex-pupilo, após a ruptura de 1913? No texto, como dizíamos, Freud também explica magistralmente valor analítico do amor transferencial, a ser trabalhado psiquicamente, sem ser saciado materialmente. Ao meu ver, não se compreenderá adequadamente esta pequena obra-prima sem ver por detrás dela a preocupação em interpretar, e nessa medida, superar, não só as dores da ruptura traumática com Jung –como em *A História do Movimento Psicanalítico*, de 1914 também- , mas também o escândalo que por pouco não manchou publicamente a reputação do seu jovem 'sucessor' e a da própria psicanálise, já tão mal vista graças à obscena "idéia fixa" da sexualidade. Aliás, lembrando-se que Jung, em alemão, quer dizer "jovem", será assim tão casual que, quase ao fim do artigo, Freud manifeste uma condescendência "suspeita" ao provocar, isto é, ao observar: "Não quero dizer que é sempre fácil se manter dentro dos limites prescritos pela ética e pela técnica. Aqueles que *são jovens* e não estão ligados por fortes laços podem, em particular, achá-lo tarefa árdua (ibid., p. 186, destaque meu).

O "jovem" Jung tinha também os fortes laços do matrimônio enquanto dava sua escapulida adúltera. No filme, o mestre de Viena (brilhantemente encarnado por Viggo Mortensen) parece desnudar com seu olhar profundo a provável motivação material de Jung em se manter marido de uma das mulheres de maior fortuna da Suíça, o que não podia deixar de ter repercussões subjetivas para Freud, por tanto tempo martirizado por dificuldades econômicas.

Freud entende que o apaixonamento da paciente, por mais que possa ser genuíno em si, é também um artifício do inconsciente para rechaçar o trabalho propriamente analítico. É, pois, instrumento de resistência e de recalque (ibid., p. 180). Ingênuo, e pré-psicanalítico, seria o médico pensar que, dando à paciente o amor que ela demanda, ele estivesse "orientando" (sugestão!) e acelerando possíveis forças de cura, de restabelecimento da capacidade de amar tão seriamente avariada pela neurose. Aliás, retomando a questão do título do filme.

"Ah", alguém pode dizer, "mas Sabina se curou". De fato, da paciente destroçada pelos pavores e limitações histéricas (senão psicóticas), se ergueu uma esposa, mãe de família, educadora e analista portentosa, com contribuições valiosíssimas, inclusive antecipando o conceito freudiano da pulsão de morte e conquistas da psicanálise infantil.

Como ficamos? Eu fico aqui com uma solução de compromissos, talvez movida, é verdade, por amor a Jung sem desmaios e sem a frustração final de Freud. Minha "solução" é dizer que, sim, houve cura, ou ao menos a conquista da valiosíssima capacidade de sublimação, mas por uma terapêutica que, de psicanalítica teve o nome e ferramentas como a livre associação, mas que se transfigurou em outra coisa, merecendo outro nome. Assim como a própria psicologia de C. G. Jung, que no niilismo positivista freudiano, e nos limites e "abstinências" ascéticas (lembramos com Nietzsche as raízes religiosas da ascese científica) de seu ex-mentor encontrou parte da matéria-prima de uma outra alquimia, mais pagã –não bastasse o flerte ideológico com as religiões arcaicas da humanidade, relidas em chave arquetípica- que difere da psicanalítica, a transgride mas também a ilumina e enriquece, em suas diferenças. Não que a "terapia junguiana" tenha em si uma regra do liberou geral; esse episódio da *vida* de Jung, sim, é que foi episódio de autolibertação (machista, sem dúvida) e de sintonia amorosa de dois gênios. Foi o despertar da genialidade de Sabina para a psicanálise; mesmo sem ter sido uma cura psicanalítica de sua pessoa, em sentido puro.

Quanto à psicanálise, o artigo de Freud também nos ajuda a ver que o "método perigoso" é outro, é mais, que simplesmente a questão do simbolismo. É quando Freud mostra –como se estivesse falando ainda com o discípulo filial que se foi- que todo cuidado é pouco para que os psicanalistas não reforcem, por conduta ética duvidosa no divã o estereótipo de charlatões aproveitadores. Mas que também não se acovardem ante o perigo –e o caminho- do *amor*: os leigos se utilizarão do debate do amor transferencial, diz Freud, como mais um pretexto para alardear "o sério *perigo desse método terapêutico*" (destaque meu); o psicanalista, por sua vez, "sabe que está trabalhando com forças altamente explosivas e que precisa avançar com tanta cautela e escrúpulos quanto um químico. Mas quando foram os químicos proibidos, devido ao perigo, de manejar substâncias explosivas, que são indispensáveis, por causa de seus efeitos?" (ibid., p. 187-8).

BIBLIOGRAFIA

FORRESTER, John, *A Linguagem e as Origens da Psicanálise*. Trad. Ernani Pavanelli de Moura. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

FREUD, Sigmund, "Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)". Obras *psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

JUNG, Carl Gustav, *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

JUNG, Carl Gustav, *Símbolos da Transformação. Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia*. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 2007

KERR, John, *Um método muito Perigoso. Jung, Freud e Sabina Spielrein: A Histeria Ignorada dos Primeiros Anos da Psicanálise*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

WEBER, Max, *A Ética Protestante e o 'Espírito' do Capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. S. Paulo: Companhia das Letras, 2004.

1º Semestre 2012

Ciclo II

Aluno: Paula Weiszflog Lisboa

Título: “A Importância da Relação Mãe-bebê para a Constituição do Sujeito e o bem estar da Sociedade”

Introdução

Este trabalho é uma tentativa de relacionar alguns conceitos da psicanálise -apresentados durante o ciclo II do curso de formação - a questões suscitadas pelo livro *Precisamos Falar sobre Kevin*, de Lionel Shriver.

Precisamos falar sobre Kevin, é um livro inquietante, emocionante e que nos leva a pensar em questões polêmicas sobre a maternidade e a maneira como esta influencia e é influenciada pela sociedade.

O amor materno é inato? Toda mulher sente-se plena ao ter um filho? Qual o papel da mãe na formação do sujeito? Até que ponto podemos responsabilizar a mãe pelos problemas do filho? Como a sociedade influencia e é influenciada pela relação mãe-bebê?

O livro *Precisamos Falar sobre Kevin*

O livro trata da vida de Eva Khatchadourian, mãe de Kevin, um “garoto Columbine”, que aos 15 anos cometeu assassinato em massa de 11 pessoas, incluindo sua irmã mais nova e seu próprio pai. Após o assassinato, Kevin foi condenado a sete anos de prisão.

A história é contada a partir de cartas que Eva escreve para seu falecido marido, Franklin, após o acontecimento que mudou sua vida para sempre. Numa tentativa de entender como foi que o filho virou um monstro, Eva faz um resgate da história do casal, a partir de suas impressões e sentimentos diante de acontecimentos importantes em suas vidas.

Eva revela a seu marido que na realidade nunca desejara ser mãe e que ficara anos esperando sentir aquela vontade que muitas mulheres sentem de ter um filho. Esta vontade nunca veio, e o que a fez decidir ter um filho foi a monotonia da vida a dois. Ao engravidar, Eva estava com 36 anos e casada há quatro. Relata que apesar de ser muito feliz com o marido, desejava “virar a

página” para ver se algo diferente aconteceria. Imaginava que tornar-se mãe seria um grande acontecimento que traria maior significado para suas vidas. Eva pensou que a maternidade seria algo tão grandioso e incrível, que não se poderia imaginar de antemão. Tinha uma expectativa enorme e fantasiosa do que seria a maternidade. Apesar de um certo medo deste grande desconhecido, acreditava que tornar-se uma boa mãe viria de forma natural, pois assim diziam muitas mulheres.

No momento em que Eva descobre estar grávida, sente um arrependimento instantâneo e passa a valorizar ainda mais a vida de antes e toda sua liberdade, culpando o bebê por todas as privações pelas quais deve passar. Descreve a gravidez como uma infestação, dizendo que terá um sanguessuga na barriga por 9 meses e que havia sido “rebaixada de motorista a veículo, de proprietária para o imóvel em si” (Shriver, p. 76).

Apesar de nunca ter gostado de criança, Eva sempre ouvia de suas amigas que “com os próprios filhos é diferente. Nós sentimos algo indescritível desde que nascem”. Mas com Eva o que aconteceu foi “indescritível” porque ela não tinha coragem de revelar a ninguém que ela não se comoveu no momento do nascimento de Kevin. Pelo contrário, Eva diz que sentiu aversão e ódio do filho.

Os primeiros contatos entre Eva e Kevin também não contribuíram para minimizar sua estranheza. As primeiras tentativas de amamentação (e todas as outras por vir) foram fracassadas. Kevin não demonstrava capacidade de sugar o seio materno e quando o fazia, sugava apenas duas vezes e logo largava o seio, com uma certa apatia. Para Eva, este era um sinal de que Kevin sentia seu cheiro e então rejeitava seu leite com ar de desprezo e nojo.

Desde os primeiros dias, Kevin chorava muito e parecia não encontrar conforto nos braços de sua mãe. Esta, por sua vez, sentia-se cada vez mais frustrada por não conseguir amar o filho e nem mesmo ter qualquer sentimento de ternura. Em suas próprias palavras, sentia-se traída.

No entanto, ao invés de abrir-se com o marido, Eva finge estar feliz e desde então começa a fingir todos os sentimentos que supostamente deveria ter pelo filho e em relação à maternidade. Este afastamento emocional do marido teve início já na gestação, pois Eva dizia sentir que Franklin não mais se importava com o bem estar dela, mas somente com o do bebê que esperavam. A felicidade do marido com a perspectiva de ser pai, faziam-na sentir-se ainda mais inadequada em relação à sua rejeição pela ideia de ser mãe. Assim, Eva começou a fechar-se em seu mundo interno e a criar uma personagem para o mundo externo.

Eva dizia que esforçou-se ao máximo para tentar construir uma relação com o filho e para sentir o tão esperado amor materno. Porém, esta tentativa era tão calculada que sua maneira de lidar com Kevin tornou-se artificial, mecânica e desprovida de emoções. Eva forçava sorrisos para Kevin, na

esperança de que ele sorriria em retorno. Tentava falar o mamanhês, mas este soava como sarcasmo. E a cada dia, Kevin tornava-se mais e mais distante e indiferente às tentativas de aproximação da mãe.

Em contrapartida, Franklin conseguiu desde o início estabelecer um vínculo amoroso com o filho. Ao chegar em casa e pegar Kevin no colo, o bebê cessava de chorar imediatamente. O que, para Eva, era interpretado como um desaforo de Kevin e uma estratégia para parecer, aos olhos de Franklin, que ela estava exagerando quando dizia que o bebê chorava por tempo integral quando estava com ela e que não havia nada que o fizesse parar.

De fato, Franklin parecia não acreditar que Kevin fosse realmente um bebê tão difícil e achava que o problema era a depressão pós-parto de Eva, que fazia com que ela *percebesse* Kevin de maneira diferente e negativa. No entanto, mesmo percebendo que sua mulher estava com problemas, parecia não ter capacidade de ampará-la. Na visão de Eva, Franklin nunca enxergou Kevin como realmente era, não abandonando a fantasia que havia construído de um filho perfeito.

À medida que Kevin foi crescendo, os problemas foram piorando. Kevin parou de chorar o tempo todo por volta de um ano e meio. E contrariamente, tornou-se uma criança praticamente muda e apática. Nos relatos de Eva, Kevin não brincava, não demonstrava interesse por nada e fisicamente era “frouxo”. Seu desenvolvimento foi lento em relação à maioria das crianças. Começou a falar por volta dos quatro anos e usou fraldas até os seis anos de idade. No entanto, aparentemente Kevin sabia falar desde muito antes e parecia recusar-se a tirar as fraldas para que a mãe continuasse a ter que trocá-lo e a conviver com suas fezes. Apesar dos atrasos, Eva sempre achou que o filho fosse bastante inteligente e que simplesmente optava por não avançar em seu desenvolvimento.

Eva relata que Kevin não se alimentava em frente dela. Portanto, ela deixava a comida em algum lugar que ele pudesse encontrar. Comparou este procedimento como o de “alimentar um cão”. Sua interpretação era a de que Kevin não queria mostrar que precisava de algo, porque qualquer necessidade poderia parecer sinal de fraqueza. Certo dia, ao perceber que sua mãe o via comer um sanduíche, Kevin imediatamente cuspiu tudo e esmagou a comida semimastigada na porta de vidro.

Kevin somente tirou as fraldas no dia em que sua mãe o arremessou no chão, com muita raiva, quebrando seu braço a ponto de precisar ser operado. Anos depois, numa visita a Kevin na penitenciária, Eva perguntou se ele se lembrava deste episódio. Kevin disse que sim e que sentiu orgulho da mãe nesse dia porque foi “a coisa mais honesta” que ela havia feito com ele.

Ao descrever este episódio, Eva diz que no momento em que ergueu o filho no ar e o atirou longe,

sentiu-se verdadeira porque sua ação finalmente confluía com seu sentimento. E pela primeira vez sentiu que estava próxima de Kevin e se comunicando com seu filho.

Quando Kevin tinha sete anos, Eva decidiu que queria ter outro filho. Ao engravidar, notou desde o início que sentia-se diferente. Não reclamava mais das coisas de que tinha que abrir mão, como o vinho, para o bem estar do bebê. Sentia que estava sempre acompanhada e gostava de conversar com a filha que estava dentro da barriga.

O nascimento de Celia foi bastante diferente do de Kevin. Eva logo sentiu ternura pelo bebê e percebeu que sua filha tinha um temperamento dócil e tranquilo. Tudo foi mais fácil nesta segunda vez em que Eva não esperava um grande acontecimento. E de fato, Celia foi um bebê tranquilo, que se satisfazia facilmente e pouco chorava. Este comportamento completamente contrário ao de Kevin, levou Eva a acreditar ainda mais que seu filho já havia nascido com um certo “desprezo” por ela e pelo mundo. Para reforçar, Celia tornou-se uma menina delicada, gentil e carinhosa.

Na adolescência, Kevin tornou-se, nas palavras de Eva, um garoto insolente, hipócrita e sarcástico; uma pessoa lacônica, desdenhosa e fechada. Eva dizia que ele tinha uma atitude entediada de “não-estou-nem-aí” o tempo inteiro. Na escola, sua atuação medíocre era interpretada pelos professores como déficit de atenção. Kevin não tinha amigos e seu único interesse era praticar arco e flecha.

E foi com seu arco e flecha que Kevin matou sete alunos, dois funcionários da escola, sua irmã e seu pai.

Após a prisão de Kevin, Eva sofreu diversos atos de desprezo e até violência por parte de várias pessoas de sua comunidade. Mesmo assim, continuou vivendo sua vida, agora realmente monótona, e passou a visitar Kevin quinzenalmente. No início, eles sentavam-se a uma mesa, de frente um para o outro, mas não se olhavam e não trocavam uma palavra. Com o tempo, passaram a conversar, mas Kevin permanecia frio e sarcástico e parecia não ter nenhum remorso pelos atos cometidos.

Ao final do livro, Eva visita seu filho no dia de seu aniversário de 18 anos. Para sua surpresa, tudo em Kevin estava diferente: sua postura, sua expressão, seu olhar e tom de voz. Havia abandonado sua atitude de “não-estou-nem-aí” e pela primeira vez, Kevin demonstrou para sua mãe uma fraqueza: contou-lhe que estava com medo do que o esperava na penitenciária de adultos para a qual seria transferido. Também agradeceu-a quando ela disse que continuaria visitando-o neste outro local. Aproveitando a abertura do filho, Eva finalmente pergunta por quê havia feito tudo aquilo. Kevin respondeu que achava que soubesse, mas que agora já não tinha mais certeza. Eva agradeceu-o e espontaneamente segurou sua mão por cima da mesa. E pela

primeira vez, Kevin não recuou. Na hora da despedida, deram um forte abraço e disseram um ao outro que “sentiam muito”.

Eva finaliza sua última carta a Franklin dizendo que já não tem mais vontade de saber de quem foi a culpa de tudo e diz que “a verdade é sempre maior do que compreendemos”:

Quando aquele bebê se contorceu em meu seio, do qual se afastou com tamanho desagrado, eu retribuí a rejeição....Desde então, lutamos um com o outro, com uma ferocidade tão implacável que chego quase a admirá-la. Mas deve ser possível granjear devoção quando se testa um antagonismo até o último limite, fazer as pessoas se aproximarem mais pelo próprio ato de empurrá-las para longe. Porque, depois de quase dezoito anos, faltando apenas três dias, posso finalmente anunciar que estou exausta demais e confusa demais e sozinha demais para continuar brigando, e, nem que seja por desespero, ou até por preguiça, eu amo meu filho” (Shriver, 2007, p.463).

Interpretação do livro a partir das perguntas levantadas e de alguns conceitos psicanalíticos

A partir da interpretação do livro, tentarei agora abordar as questões levantadas na introdução deste trabalho. Esclareço que não tenho a pretensão de tentar responde-las, pois ainda possuo uma compreensão um tanto superficial dos conceitos psicanalíticos e nenhuma experiência clínica/prática nas quais me apoiar.

O amor materno é inato?

Analisando o caso de Eva Katchadourian, que apesar de fictício, muito se assemelha ao caso de mulheres reais, o amor materno claramente não é inato.

Esta polêmica questão já foi tratada por Freud e muitos autores, como Badinter (1985), Brazelton (1992), Dolto (1996), Winnicott (2000), entre outros. No entanto, neste tema, optarei por basear-me em minha própria experiência com a maternidade.

Assim como Eva, nunca tive um enorme desejo e convicção de que queria ser mãe. A decisão de ter um filho me foi muito mais racional do que emocional. A diferença foi que, minha gravidez foi muito prazerosa e durante ela comecei a fantasiar sobre minha filha e a maternidade, mas sem grandes expectativas. Não me senti privada de minha liberdade por estar grávida.

Imagino que a grande expectativa de Eva em relação ao mistério da maternidade tenha dificultado ainda mais sua aceitação da maternidade, que no início pode não ter nada de romântico. Além disso, os sentimentos de rejeição de Eva durante a gravidez demonstram que ela já estava

deprimida, impossibilitando que construísse um lugar de desejo para seu filho. Esse estado dificultará posteriormente a formação do vínculo com Kevin.

Por outro lado, semelhante ao caso de Eva, não senti um amor instantâneo no nascimento de minha filha, Isa, mas apenas uma espécie de deslumbramento e comoção. Minha filha também mostrou-se nos dois primeiros meses um bebê irritadiço e que demandava grandes investimentos para satisfazer-se. Mas, talvez, o desejo pela minha filha, que foi se fortalecendo ao longo da gestação, e todo apoio que recebi de meu marido e familiares, ajudaram-me a lidar com as dificuldades dos primeiros meses.

Costumava dizer à minha analista que a Isa é quem me dava forças e me mostrava, com sua sobrevivência e vitalidade, que eu estava conseguindo realizar meu papel de mãe de maneira adequada. O amor pela Isa foi sendo construído dia após dia, conquista após conquista, especialmente quando notava que minha maternagem finalmente parecia suficiente para um desenvolvimento bastante saudável de Isa. A cada sorriso retribuído e a cada aquisição motora e comportamental de Isa, sentia minha ternura aumentar.

Hoje, passados 2 anos e 7 meses do nascimento de Isa, posso dizer que a amo profundamente e sinto-me muito mais feliz do que antes dela existir, mesmo sentindo ao mesmo tempo que perdi minha liberdade (física e emocional) e abri mão de muitas coisas para coloca-la como prioridade em minha vida. Entendi que para ganharmos alguma coisa, é necessário perder outras. E quando entendemos por este ângulo, as perdas podem ser melhor aceitas.

Porém, ao ler o livro sobre Kevin, me pergunto se amaria minha filha da mesma forma caso ela nunca tivesse retribuído meus sorrisos, demonstrasse um desenvolvimento saudável ou não tivesse se tornado a menina alegre, esperta, carinhosa e cheia de vida que é. Assim, entendo que o amor nasce a partir da relação, que deve ser construída e cujo sucesso depende de ambas as partes.

Ao escutar de outras mães que relatam ter amado o filho no momento em que o olharam pela primeira vez, não consigo deixar de me perguntar: será que estão sendo sinceras? Ou será que desejaram tanto ser mães que, apaixonadas pela ideia concretizada, confundiram o sentimento com amor? Ou seria o entendimento do que é amor algo muito subjetivo e extremamente pessoal?

Toda mulher sente-se plena ao ter um filho?

Segundo Freud, em sua Conferência sobre a Feminilidade, “a mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos” (Freud, 1969, p. 132).

No caso de Eva esta satisfação nunca ocorreu com Kevin, pelo contrário, sentia-se extremamente insatisfeita e ambivalente em relação ao filho. Isto evidencia ainda mais que a maternidade deve ser construída muito antes do nascimento do bebê e que sua realização como mãe dependerá de suas fantasias, de seus desejos (pelo bebê e de tornar-se mãe) e de como lidará com a frustração gerada pela realidade.

Um exemplo disso é a relação saudável que Eva conseguiu construir com sua filha Celia. Esta já possuía um lugar no desejo de Eva, antes do nascimento. E, por não possuir grandes expectativas, Eva pode enxergar a realidade da maternidade de maneira mais positiva.

Qual o papel da mãe na formação do sujeito?

É consenso na psicanálise que a mãe tem um papel crucial na formação do sujeito. É ela quem ajudará o bebê a sobreviver e minimizar as angústias dos primeiros meses de vida. Ela ajudará o bebê a perceber que existe um dentro e um fora de si, a perceber-se como um ser uno e separado da mãe e do mundo externo. A mãe ajudará o bebê a suportar, nomear e dar significado às suas experiências e emoções. É a partir do olhar da mãe que o bebê começará a formar uma imagem de si e do mundo, desde o início de sua vida.

Para melhor explicar o papel da mãe na formação do sujeito, é preciso antes entender como são vivenciados os primeiros meses de vida do bebê.

De acordo com Spitz (2004), o recém-nascido não tem capacidade de distinguir-se do mundo externo. “Não experimenta o meio que o cerca como sendo separado dele mesmo. Portanto, ele também percebe o seio materno, ..., como parte de si mesmo – se é que ele percebe o seio materno” (p. 36). Spitz afirma ainda que durante os primeiros dias e ao longo do primeiro mês, o mundo exterior praticamente inexistia para o bebê. “Os estímulos vindos de fora só são percebidos quando seu nível de intensidade excede o limiar da barreira do estímulo” (p.36). Quando esta barreira é ultrapassada, o bebê pode apresentar, desde o nascimento, reações violentas de desprazer.

Se pensarmos no caso de Kevin, a partir da teoria de Spitz, é possível que sua barreira do estímulo fosse de certa forma frágil, o que levava o bebê a sentir desprazer grande parte do tempo. Além disso, por não perceber o mundo externo, a teoria de Eva de que seu filho a rejeitou desde o início, não passava de uma má interpretação e até ignorância de sua parte.

Spitz acrescenta que para que o bebê construa, gradualmente, uma imagem coerente do mundo, é necessário que os estímulos ao qual é submetido sejam transformados em uma experiência significativa. Segundo ele, o fator crucial para que isso aconteça vem da reciprocidade, que chamou de “diálogo”, entre mãe e filho. A personalidade da mãe e o temperamento do bebê também influenciarão bastante na qualidade deste diálogo.

Ao discutir os distúrbios das relações mãe-bebê, Spitz diz que a personalidade da mãe atua como provocador da doença do bebê. Dentre os padrões de comportamento materno que Spitz associou a distúrbios da criança, existe um que parece fazer sentido no caso de Eva e Kevin: a privação emocional parcial, que reflete na criança por meio da depressão anaclítica.

Segundo Spitz, os sentimentos da mãe em relação ao filho são inestimáveis para o processo de aprendizagem do bebê. Ou seja, “a atitude emocional da mãe, seus afetos, servirão para orientar os afetos do bebê e conferir qualidade de vida `a experiência do bebê” (2004, p. 100). Parece então que a depressão de Eva, que a impossibilitava de conectar-se ao filho, gerou a depressão de Kevin. Parece também que os afetos de Kevin foram orientados principalmente por afetos de ódio e desprezo.

Sendo assim, é possível assumir que Kevin teve grande dificuldade de construir uma imagem coerente de seu mundo externo, visto que esta troca entre mãe e filho foi bastante precária e conturbada emocionalmente. No entanto, não podemos dizer que foi apenas a personalidade de Eva que proporcionou este contexto, mas também o temperamento “difícil” de Kevin aumentou a dificuldade de Eva em formar um laço afetivo com ele.

Outro fato que prejudicou a formação do vínculo entre Eva e Kevin, foi a dificuldade na amamentação. Quando esta é bem sucedida, o bebê sente-se satisfeito em sua necessidade, encontrando um equilíbrio que o torna mais tranquilo, e a mãe por sua vez, sente-se competente por atender à necessidade do bebê conseguir satisfazê-lo. Porém, no caso de Eva, como este processo não ocorreu, Kevin tornou-se um bebê irritadiço e difícil de apaziguar, contribuindo para aumentar o sentimento de inadequação de Eva e portanto, reforçar o ciclo vicioso de rejeição que se criou nesta relação.

Por fim, Spitz faz uma afirmação que encaixa-se perfeitamente ao caso de Kevin:

A indigência dessas crianças traduzir-se-á na aridez das relações sociais do adolescente. Privados do alimento afetivo que lhes era devido, seu único recurso é a violência. O único caminho que permanece aberto para eles é a destruição de uma ordem social da qual são vítimas (2004, p. 306).

Tomando agora como base o pensamento de Melanie Klein a respeito da relação mãe-bebê, poderíamos dizer que a agressividade inata de Kevin também dificultou a relação com sua mãe. Para Klein, todo bebê nasce com pulsões agressivas que devem ser projetadas para fora, por serem sentidas como ameaçadoras ou perseguidoras. Há uma luta interna entre sentimentos de amor e ódio, desde o começo da vida. Além disso, o bebê é capaz de destruir, por inveja, o bom que o objeto lhe oferece, tornando-o persecutório ou impossibilitando a distinção entre o bom e o mau. O mundo externo do bebê é sempre originado a partir de seu mundo interno. Este, por sua vez, define a formação do psiquismo e é construído a partir da introjeção dos objetos com os quais o indivíduo se relaciona. Em outras palavras, o mundo interno será construído a partir da maneira como se percebe o mundo e portanto, apesar das condições externas, boas ou más (o que não significa que o mundo externo não tenha fundamental importância nesse processo).

Portanto, é possível que, mesmo que Eva tenha cuidado, algumas vezes, adequadamente de Kevin, este não tenha conseguido introjetar o aspecto bom de seu cuidado. Esta incapacidade de internalizar o aspecto amoroso do objeto, fez com que seus sentimentos de ódio e sua agressividade aumentassem, dificultando ainda mais a relação com a mãe. Diria ainda que esta falta de introjeção do outro (enquanto objeto bom) impossibilitou que no futuro Kevin conseguisse sentir empatia pelo outro.

Ao descrever o mecanismo de projeção, Klein diz que uma das maneiras do bebê expulsar de si a agressividade (atacar a mãe em fantasia) é por meio da expulsão de seus excrementos. Estes podem ser associados às partes más do bebê que, com ódio, são expelidas e projetadas na mãe. O objetivo deste ato não seria apenas danificar, mas também controlar o objeto.

Muito do ódio contra partes do *self* é agora dirigido contra a mãe. Isso leva a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Sugiro o termo “identificação projetiva” para esses processos. Quando a projeção é derivada principalmente do impulso do bebê de danificar ou controlar a mãe, ele a sente como um perseguidor. Nos distúrbios psicóticos, essa identificação de um objeto com as partes odiadas do *self* contribui para a intensidade do ódio dirigido contra outras pessoas. (1986, p. 27)

Esta talvez seja uma das explicações para a agressividade e o ódio de Kevin para com sua mãe, sua família e o mundo. Ou poderíamos ainda dizer que a agressividade de Kevin é resultante da prevalência da pulsão de morte sobre a pulsão de vida?

Por outro lado, Klein dirá que as partes boas do *self*, as partes amorosas, também são expelidas e projetadas com os excrementos, que podem representar presentes da criança para a mãe. Este tipo de projeção é essencial para que o bebê estabeleça boas relações de objeto.

Este trecho me faz pensar que Kevin não saiu das fraldas até os seis anos como uma forma de atacar e controlar a mãe, que acabava ficando presa a suas necessidades. Aparentemente, a permanência de Kevin neste mecanismo de projeção, refletia a relação difícil e agressiva com sua mãe. É possível notar também que Kevin presenteia sua mãe com sua primeira ida ao banheiro justamente após ter tido uma experiência verdadeira e significativa com ela, mesmo que esta tenha sido agressiva. Ou talvez seja exatamente por ela ter sido agressiva, visto que pela primeira vez a mãe, ao expressar sua raiva genuinamente, mostrou-se, aos olhos de Kevin, forte o suficiente para não ser destruída por seus ataques agressivos?

Klein diz que a mãe deve servir como um ego auxiliar do bebê, tolerando as angústias e agressividade que ele ainda é incapaz de tolerar e portanto, sobrevivendo a seus ataques agressivos. O dia em que Kevin apanhou da mãe, foi o primeiro em que ela mostrou-se realmente viva. Outra suposição seria a de que Kevin, no momento em que a mãe demonstrou suas reais emoções, ele tenha conseguido aproximar seu mundo interno do mundo externo, o que permitiu sentir-se mais integrado às suas emoções e mais vivo. Este foi um dos poucos dias em que Kevin não teve o comportamento apático como o de usual.

Anos depois, Eva também conseguiu sobreviver aos piores ataques de Kevin e mostrou que continuava ali a seu lado. Talvez tenha sido esta atitude persistente e de sobrevivência de Eva que levou Kevin a começar a mudar sua percepção de mundo interno e mundo externo. Somado a isso, nesta fase de visitação, as atitudes de Eva eram condizentes com suas emoções, o que talvez tenha contribuído para alguma integração de Kevin.

Voltando à atitude apática de Kevin, talvez possamos relacioná-la com a teoria de Klein de que a criança tende a isolar-se do mundo externo quando sente o medo de ser aniquilada por ele, pois este detém e representa toda agressividade por ela projetada. Isso talvez explique também o retraimento de Kevin em relação à sua mãe, visto que a mãe é o primeiro representante do mundo externo para o bebê.

Ainda em relação à apatia de Kevin, questiono-me como esta atitude estaria relacionada com a teoria do narcisismo. Hornstein explica que “o eu deve ser adequadamente narcizizado desde os pais para que se constitua” (1989, p. 156). Lacan diz que, no processo de constituição do eu, é necessário que o bebê ocupe o lugar de desejo da mãe. Diz-se também que o olhar da mãe exerce a função de espelho e portanto é a partir deste olhar que o bebê começa a formar uma imagem de si.

Sendo assim, como formou-se o eu de Kevin? Se a mãe de Kevin não possuía desejo, que lugar Kevin ocupou? Será que poderíamos dizer que Kevin ocupou o lugar de morte, visto que sua mãe dizia a ele que desejava estar morta ou na França ao invés de cuidar dele? Isso explicaria em

parte seu comportamento apático e sem vida? Que imagem de si formou Kevin, visto que aparentemente sua mãe nunca o olhou com admiração e amor; pelo contrário, principalmente com ódio e desprezo?

Freud diz que para que façamos a passagem do narcisismo primário para o secundário, isto é, para que a libido investida no ego seja direcionada ao objeto, é necessário que o investimento da libido no ego ultrapasse uma certa quantidade. Assim, considerando que, aparentemente, Kevin recebeu um baixo investimento libidinal de sua mãe, estaria ele então “preso” na fase do narcisismo primário? E portanto, sua libido não atingiu um ponto em que necessitasse ou pudesse ser dirigida aos objetos externos?

Ao final do livro, sob o olhar da teoria do narcisismo, pergunto-me se talvez Kevin tenha feito de tudo e chegou às medidas mais drásticas para conseguir ser o centro do mundo de sua mãe (assim como se sente a criança pequena na fase do narcisismo primário). E será que, depois de o ter conseguido, de certa forma começou a sair da posição primária para a secundária, podendo então reconhecer o outro, os sentimentos da mãe e seus próprios sentimentos de amor por ela?

Finalmente, fiquei com uma questão em aberto a respeito da personalidade de Kevin. Nota-se pelo livro, que ele tornou-se um garoto inteligente e perspicaz, desprovido de emoções, empatia e sentimento de culpa. Kevin não aparentava ter alucinações e portanto, imagino que ele não fosse esquizofrênico. A partir dessas e outras características de Kevin, para a psiquiatria, ele seria considerado um psicopata ou um sociopata. No campo da psicanálise, qual seria a abordagem para estas classificações?

Até que ponto podemos responsabilizar a mãe pelos problemas do filho?

Esclareço que utilizei o termo “responsabilizar” e não “culpar” a mãe, pois estou partindo do pressuposto de que as pessoas, especialmente os pais, fazem o melhor que podem, dentro de suas condições (psíquicas, físicas, intelectuais, sociais e culturais), ao cuidar e educar seus filhos. No entanto, isto não tira dos mesmos a responsabilidade que possuem pelo bem estar dos filhos e a grande influência que exercem sobre seu desenvolvimento.

Voltando ao caso de Eva, continuo com minha primeira impressão de quando li o livro pela primeira vez, de que, mesmo que Kevin tenha realmente sido um bebê mais agressivo e insatisfeito (não somente aos olhos da mãe), foi principalmente a depressão e a incapacidade de Eva de ser uma mãe “suficientemente boa” que levou o bebê a tornar-se cada vez mais difícil e conseqüentemente um adolescente desequilibrado emocionalmente. Como diria Winnicott, “algumas das falhas de desenvolvimento com as quais nos deparamos decorrem de uma falha do fator “mãe dedicada comum” em determinado momento ou ao longo de uma fase.” (2000, p.7).

No entanto, a responsabilidade não foi apenas de Eva, mas também de seu marido. Eva relata que sentia-se abandonada e incompreendida pelo marido. Franklin não demonstrou capacidade (provavelmente também devido às suas próprias limitações emocionais) de acolher as angústias da esposa e de apoiá-la suficientemente para que ela conseguisse sair da situação em que se encontrava. Talvez, um maior apoio e investimento afetivo de Franklin pudessem, de certa forma, “recarregar” a energia libidinal de Eva e assim, possibilitar algum investimento amoroso em Kevin.

Como a sociedade influencia e é influenciada pela relação mãe-bebê?

Esta é uma questão certamente complexa e que exigiria uma visão multidisciplinar para sequer tentarmos uma resposta. Portanto, colocarei apenas minhas impressões - como leiga e provocadas pelo livro e pela observação de pessoas que me são próximas – para iniciar um ponto para reflexão ou futura discussão.

A partir da história de Eva e Kevin, noto que a sociedade pode exercer grande influência na relação mãe-bebê. A supervalorização da maternidade pela sociedade pode gerar uma ilusão romântica do papel de mãe. Isso talvez faça com que mulheres sintam-se de certa forma pressionadas a tornarem-se mães, pois acreditam que a maternidade, e somente ela, será capaz de prover uma sensação de plenitude e real felicidade. Esta é uma outra ilusão da sociedade (ou do ser humano?): a de que algo ou alguém será capaz, um dia, de preencher o vazio que sentimos e gerar uma tão sonhada completude. Por outro lado, a mulher ocidental conquistou diversos direitos que hoje possibilitam que ela se realize (mesmo que sempre parcialmente e provisoriamente), por exemplo, por meio do trabalho. No entanto, por conta da supervalorização da maternidade, algumas mulheres, realizadas profissionalmente, podem pensar que a maternidade trará ainda mais realização. E este me parece ter sido o principal engano de Eva, que, ao criar uma fantasia e expectativa grandiosas em relação a ser mãe, não conseguiu aceitar e superar a frustração e insatisfação geradas pela realidade.

Por fim, em relação à influência da relação mãe-bebê na sociedade, imagino que, se a maior parte das crianças fossem desprovidas de afetos de amor e de uma relação suficientemente adequada, provavelmente teríamos um aumento significativo no número de problemas sociais relacionados à qualidade do desenvolvimento emocional infantil – tais como: dificuldade de aprendizado→baixa escolaridade→gastos com educação; distúrbios do desenvolvimento→problemas de saúde (física e mental)→gastos com saúde pública; violência→criminalidade→gastos com segurança pública e reinserção social; entre outros.

Neste sentido, deixo para reflexão uma pergunta que sempre me ocorre ao pensar na importância do vínculo mãe-bebê: sabendo que o desenvolvimento emocional (ou a saúde mental) do indivíduo tem um impacto direto no bem estar da sociedade, de que forma a psicanálise poderia contribuir para a prevenção – em maior escala - dos distúrbios neste desenvolvimento?

Referências Bibliográficas

BADINTER, E. Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno. . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRAZELTON, T. B. ; CRAMER, B. G. As Primeiras Relações. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DOLTO, F. No Jogo do Desejo: Ensaio Clínicos. 2a ed. S. Paulo: Ed. Ática, 1996 b.

FREUD, S. Obras Completas. Vol. XXII: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Conferência XXXIII: Feminilidade. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. Obras Completas. Vol XIV: A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). **Sobre o narcisismo: uma introdução.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HORNSTEIN, L. Introdução à psicanálise. Aula 10: A Problemática do Narcisismo. São Paulo: Escuta, 1989.

KLEIN, M. A psicanálise depois de Freud. Cap. VI: Melanie Klein, Discussão e Comentários. Porto Alegre: Artes Médicas.

KLEIN, M. Progressos da Psicanálise. Cap.: Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LACAN, J. Escritos. O estádio do Espelho como formador da função do eu.

SHRIVER, L. Precisamos falar sobre Kevin. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

SPITZ, R. O primeiro ano de vida. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WINNICOTT, D. W. Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas. Trad. Davy Bogonoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

1º Semestre 2012

Ciclo III

Aluno: Andrea Gonzaga de Araujo

Título: “Fôlego, Suor e Lágrimas na Adolescência”

Introdução

Trabalho em uma escola pública, sou professora de adolescentes e, durante um intervalo, ao passar pela secretaria, vejo uma cena até então, inusitada. O diretor estava em uma pequena sala tentando acalmar uma aluna:

– Respira com calma, relaxa, solta todo o ar...

Rapidamente volto dois passos e pergunto:

– Tá tudo bem? Precisam de ajuda?

Ao que o diretor responde:

– Olá professora, conhece algum exercício de respiração?

Entro sem hesitar e escuto a explicação de que a aluna estava em plena crise de asma. A conversação que se seguiu, o interesse e a experiência pessoal com doenças respiratórias fizeram desta cena o mote para minhas reflexões psicanalíticas do trabalho deste semestre.

Meu diálogo com a psicanálise, neste caso, é iniciar uma reflexão sobre a necessidade de uma escuta desses jovens asmáticos. Para além do diagnóstico médico da asma como doença inflamatória crônica das vias aéreas, de etiologia complexa, que advém da relação de fatores genéticos e ambientais, poderiam existir sentimentos asfixiantes que deflagrariam tal patologia?

Inicialmente, a temática principal que relacionei a esta cena foi o texto “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada de *Neurose de Angústia*”. A seguir, descrevo esta cena em detalhes que me fizeram estabelecer com esse texto tal relação, levantando essas questões a cerca da doença, da situação e principalmente do sujeito.

Fôlego, Suor e Lágrimas na Adolescência.

A aluna de 14 anos estava sentada, trêmula, respirando com dificuldade. Iniciei uma conversa, na tentativa de acalmá-la. Com a fala entrecortada, disse que já havia usado a bombinha duas vezes, mas sem resultado. Não é minha aluna, pergunto-lhe o nome, doravante B., demonstro interesse em seu medicamento, mas ela não se lembra, aponta a mochila e diz que há dois tipos de bombinha. Os exercícios de respiração parecem não surtir efeito. Segurando-lhe as mãos, o diretor pede a ela que se levante, tente dar alguns passos, não entendo muito bem por

quê. Ela diz que não consegue, sente as pernas adormecidas, pesadas, tem vertigem e acha que vai cair e, com lágrimas nos olhos, senta-se novamente. Prossigo minha conversa e B. diz que está assim desde sexta-feira (era uma segunda-feira), que está tentando suportar a crise sozinha, lutando, dormindo sentada ou não dormindo. Não quer preocupar os pais, causar transtorno, sobretudo à mãe (também asmática), que havia ido para o hospital na sexta-feira, devido a uma crise de asma.

Nesse momento, sou levada à minha própria infância/adolescência e lhe digo:

– Que coincidência! Era a mesma estratégia que eu usava em nome de não causar transtorno à minha mãe – e concluo – Era pior, o estrago era bem maior, para mim e para minha mãe.

Percebo uma rápida identificação, o diretor pede licença por um momento e pede para que eu permaneça com ela. Nossa conversa continua. B. está ‘suando frio’. Tem as mãos geladas e com os olhos lacrimejantes acrescenta:

– Estou sem nada no estômago, não tomei café e ontem à noite comi apenas um *Miojo*.

Continuo a conversa, mas fico preocupada com seu estado:

– Bem, vamos ligar para o seu pai, é melhor levá-la ao hospital.

Neste momento, entram na sala uma funcionária da secretaria e outro aluno que se senta ao meu lado, também com crise de asma. A cena acaba com o diretor retornando e falando em tom de brincadeira:

– Vocês já se conheciam? Acho que têm algo em comum...

Com esse tema em mente, alguns dias depois, observo em sala de aula um aluno usando a bombinha.

– Você tem asma?– perguntei.

– Sim – respondeu o aluno, balançando muitas vezes a cabeça.

Os conflitos da adolescência há muito participam do senso comum, porém reflito sob o ponto de vista da psicanálise: época de grande angústia de separação/individuação, construção de um ‘sujeito adolescente’, acesso a identidade sexual e escolha do objeto. As sensações descritas por B. poderiam contemporaneamente ter consonância com a descrição da sintomatologia clínica da *Neurose de Angústia* de Freud? (FREUD, 1895). Interessada em pesquisar o mote adolescência- angústia encontrei um belo artigo de educação médica que desdobra essa mesma relação na tentativa de encontrar um diálogo entre medicina e psicanálise.

“Sobre a asma, há mais de um século, em seu texto sobre a teoria das neuroses, Freud mencionou que os ataques de angústia *poderiam vir acompanhados de distúrbios respiratórios, acessos semelhante a asma e similares, constituindo várias formas de dispneia nervosa*. Sobre a adolescência, de forma sucinta, pode-se afirmar que seja uma época marcada por dois momentos distintos da vida humana, primeiro, da entrada na sexualidade e, segundo, da saída para o mundo com certa separação dos pais. Especialmente na contemporaneidade, tempo marcado por uma crise de legitimidade e de referências em que se busca um ideal igualitário, observa-se crescente

demanda por atendimento a jovens em profunda crise de angústia e desamparo, frequentemente desprovidos dos elementos necessários à elaboração das questões dessa travessia”.¹

Estaríamos diante de um quadro de neurose de angústia ou como a entendemos hoje, de uma síndrome do pânico? Para responder a essa pergunta seria preciso ouvir além da medicina. E se tal fato fosse verificado como algo comum e corriqueiro entre os jovens e adolescentes, como deveríamos orientar a educação desses jovens?

Recentemente vi um canal de televisão reportar casos de histeria coletiva em colégios. Essa cena inicial me fez observar vários outros alunos utilizando, durante a aula, a tal bombinha. Neurose de angústia coletiva? A angústia da adolescência? A libido insatisfeita e a asma como sintoma? Neurose mista? Ainda no texto de Freud há pontos que me remetem a tais questionamentos. A incidência da neurose de angústia nas adolescentes, “nas meninas que se aproximam da maturidade, por seu primeiro contato com o problema do sexo, por qualquer revelação mais ou menos repentina de algo até então escondido – por exemplo, pela visão do ato sexual ou por conversas ou leituras sobre esse assunto. Tal neurose de angústia combina-se com a histeria de maneira quase típica.” (FREUD, 1895). Quanto aos homens (jovens), Freud relaciona a incidência da neurose de angústia à idéia de uma *excitação não consumada*, como por exemplo, naquelas situações em que ocorre o medo das consequências de uma relação sexual. Apenas reflexões incipientes. Seria necessário através de uma investigação psicanalítica descobrir se o “sintoma asma” poderia ser o reflexo de uma angústia que adveio dessa insatisfação libidinal, dessa dor durante esse período de transformação física e psíquica. Seria imprescindível ouvir o sujeito e sua história para chegar a uma conclusão de que esse *quantum* de energia sexual acumulada e não abarcada pela psique tenha sido representada pela doença asma, pelo corpo que não consegue expelir o ar, que perde o fôlego, sufocando-o, o faz suar frio e cair em lágrimas de medo e angústia.

Importante pontuar que posteriormente Freud retoma a questão das neuroses atuais, a neurose de angústia, não somente advinda de um trauma atual, de conflitos atuais, mas também de conflitos recalcados na infância (ou seja, do conflito edípico) como ocorre nas psiconeuroses. Daí, a beleza de se conhecer e se analisar a história de B. que luta com seus sintomas e “deixa” o pai cuidar primeiro da mãe, levá-la ao hospital, dar a ela o direito e o fundamental prazer e necessidade de respirar, para que em seguida, não mais suportando “heróica e solitariamente” a própria crise de asma, possa manifestar a demanda pela presença paterna que aos poucos vai renunciando em favor da mãe (?). Teríamos aqui o velho conflito edípico?

A escola recorre ao pai que coincidentemente trabalha em um hospital próximo que atende a toda a comunidade. Como saber se e quanto do sintoma da mãe pode ter invadido a filha de modo avassalador, transmitido como herança orgânica e como estratégia psíquica, que é causa de tamanha angústia e movimentação familiar? Penso numa angústia tão devastadora que

¹ MARQUES, C. M., KRSTLOVIC, R. D. A. *et alli*. *Asma não controlada e angústia na adolescência: escutar o paciente?*

precisa ser nomeada fora do psiquismo, como doença do corpo, totalmente alijada da sexualidade humana, aqui compreendida para além do genital e para *além do princípio do prazer*.

Neste ponto, entendo que o desafio da clínica psicanalítica, no que tange à fragilidade do adolescente que busca uma subjetivação, é encontrar na doença psicossomática, em que não há associações, mas um diagnóstico fechado com nome e sobrenome (neste caso a asma, doença respiratória crônica), uma brecha que poderia dar conta de uma possibilidade de reconstrução e simbolização dessa experiência do terror. Daquilo que é indizível, da invasão da expectativa do outro que assola o ser, do que está fora do psiquismo, daquilo que sufoca, angustia e paralisa o sujeito, sem que ele possa nomear e se implicar.

Se o conceito de inconsciente, segundo Freud, fosse unânime, seria uma pretensão extremada pensar e orientar a medicina e a educação psicanaliticamente? Bem, por certo cabe à psicanálise a função e o lugar de pensar o sujeito, seus conflitos e sintomas e, quem sabe, criando um diálogo com essas e outras tantas instituições que fazem parte da nossa civilização contemporânea. Isso não é pouca coisa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 3, 7.

MARQUES, C. M., KRSTLOVIC, R. D. A. *et alli*. *Asma não controlada e angústia na adolescência: escutar o paciente?*

<http://www.smp.org.br/2008//vector/materia/arquivos/arquivos/arquivo_rrQs7l.pdf>

1º Semestre 2012

Ciclo IV

Aluno: Fausto Antonio de Azevedo

Título: “Possível relação entre pulsão de morte, agressividade, destrutividade e dano ambiental”

Informação preliminar

Registrando o *egóico* orgulho pela distinção do convite do CEP para apresentação deste trabalho no **Colóquio Interno (Agosto/2012)**... procurei aqui, sem alterar o texto original quanto à essência, ajustá-lo às diretrizes do evento. O trabalho em sua forma original está anexado ao fim, e, após ele, as observações da avaliação feita por Edu Bastos.

(...) o que me dilacera o coração é esta força destruidora oculta em toda a natureza, esta força que nada cria senão para destruir-se e destruir o que a cerca ao mesmo tempo. Assim prossigo eu, vacilante e o coração oprimido, entre o céu e a terra com as suas forças sempre ativas, e nada mais vejo senão um monstro que devora eternamente todas as coisas, fazendo-as depois reaparecer, para de novo devorá-las.

Johann Wolfgang Von Goethe,
no *Werther*, p.66

Da mesma maneira, uma nação cuja riqueza resida na exploração do produto de seu solo mesmo assim preservará certas áreas em seu estado original, para protegê-las das mudanças ocasionadas pela civilização. (P. ex., o Yellowstone Park.)

Sigmund Freud

Cf. os exames de fantasias em *Creatives Writers and Day-Dreaming* (1908e) e em *Hysterical Phantasies and their Relation to Bisexuality* (1908a). [Nota de rodapé número 4, página 240, em *Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental* (1911). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.]

1. O marco da preocupação/motivação (o *falo* do autor...)

A crítica pergunta que faço é: por que, a despeito de todas as nítidas e contundentes evidências de um já quase desastre do projeto da humanidade, nós não assumimos coletivamente

um comportamento regenerador e prosseguimos a destruir – incansavelmente – a única casa que temos. Isto é, quais as forças subterrâneas que nos impelem cada vez mais para a beira do abismo das três destruições: a social, a mental e a ecológica?

Minha permanente e antiga preocupação com a causa ambiental, além de três décadas de intensa atuação profissional no setor, atesta-se também pelo conjunto de escritos publicados¹. Neles são feitas e dadas inúmeras informações e referências científicas que asseguram a posição preocupante da saúde ambiental no momento.

Como se sabe, a sociedade atual, pós-moderna ou da hipermodernidade, tem sido chamada sociedade do espetáculo², ou da cultura do narcisismo³, ou sociedade de risco⁴, civilização da fumaça (Antonio Carlos Jobim), e sociedade de consumo, em oposição à sociedade de produção das fases iniciais do capitalismo; e nossa era, dentre outras denominações, é a era do vazio⁵. Em tal sociedade o poder, independentemente da inclinação ideológica, instala o espetáculo para se perpetuar em sua situação de privilégio. A realidade é totalmente escamoteada pela manipulação das massas através da mídia e da propaganda, onipresentes e oniscientes, muitas vezes apenas (ou só) para vender ilusões e mistificações.

Nossos problemas ecológicos se associam diretamente à cultura contemporânea antropocêntrica e às subjetividades nela (a partir dela) formatadas e suas repercussões no pós-moderno. A civilização atual tem provocado esses sérios problemas ao ambiente na Terra e a si mesma. Ela faz isso em decorrência de seu modo de ser, pensar, agir. As causas dessa sua forma operante de ação podem vir de épocas muito anteriores à história moderna, passando pela profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e grupal. Somos portadores de impulsos de violência, vontade de dominação, marcos sombrios que nos distanciam da boa vontade para com a vida e a natureza.

Portanto, não se pode deixar de perceber que, intencionalmente ou não (e até que ponto será ingênuo pensar o *não*), o sistema midiático mundial procura agir técnica e cirurgicamente no profundo de nossa psique, induzindo medos e desejos que venham a gerar práticas comportamentais desejáveis de opinião e de consumo. Se esse raciocínio for procedente, está então a psicanálise instalada no centro de tensões sociais atuais, mormente as da dialética produção-consumo e seus efeitos colaterais; está instalada na base de nossas motivações comportamentais correntes e, assim, tem “tudo a ver” com o grau de impactos ambientais que causamos para atender nossos imperativos da ordem do *princípio do prazer*.

2. Um passeio pela psicanálise (Ciclos I, II, III)

Nos três trabalhos já entregues, relativos aos Ciclos I, II e III, adotei a estratégia de associar um assunto discutido em sala de aula ao meu interesse original de buscar entender o comportamento humano (com suas determinantes psíquicas) frente à natureza e aos recursos ambientais do planeta. A seguir, na tentativa de alinhá-los, como preparativo à parte final deste trabalho, que será a análise de aspectos especiais da obra freudiana *ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER* (especiais para a tese antes citada da questão ambiental), faço um extrato de cada qual.

A questão das pulsões (Ciclo I)

No trabalho do Ciclo I, *80 anos depois: um mal-estar psico-ambiental (um testemunho de aflição)*, conjecturei a respeito do estabelecimento de um possível elo entre sexualidade, pulsão de morte e destruição ambiental do planeta produzida pelo ser humano.

Logo de início fiz uma ressalva: “O foco desse trabalho não se encontra em qualquer aspecto clínico específico daquilo que ocorre na intimidade do consultório do psicanalista e da relação *analista – analisando*. Todavia, acha-se, pelo menos pretende, no arcabouço conceitual da teoria psicanalítica, no mesmo elenco de conceitos e raciocínios que, se por um lado sustenta a prática clínica provendo-lhe da base teórica necessária, por outro lado há de permitir também que se depreendam do mecanismo psíquico individual explicações e esclarecimentos para comportamentos coletivos e suas implicações.”

Para Ernesto Duvidovich, “Existem muitas relações entre psicanálise e ação social (...). A captação e a intervenção do fenômeno inconsciente acontecem em qualquer atividade da cultura; assim ocupamo-nos cada vez mais em gerar instrumentos de intervenção fora do consultório e fora da intervenção terapêutica.”⁶

Em *O mal-estar na civilização*⁷, Freud questiona a capacidade das sociedades modernas em controlar suas **pulsões destrutivas**. Publicada em 1930, a obra enfoca o antagonismo (irremediável) entre as exigências da *pulsão*⁸ no indivíduo e as restrições que contra ela a civilização impõe (relação vista por Freud como um conflito de ordem estrutural, destinado a não ser ultrapassado). O mal-estar que Freud menciona é intrínseco à cultura ou estrutura da sociedade e está conosco desde a origem do que conhecemos como cultura. Ele não tem causa externa e por isso não se resolve com mais cultura⁹.

Fica estabelecida uma difícil gangorra entre arremessar a pulsão de morte, isto é, suas agressividade e destrutividade, para fora da mente e do ser, concentrando-as num objeto animado ou inanimado do mundo exterior e, com isso, aparentemente preservar o ego e o ser, ou se a tensão não for aliviada por esse mecanismo, jogá-la para dentro do ego provocando sua auto-destruição. Ao que parece, isso tudo acontece simultânea e interminavelmente. **Que outra(s)**

forma(s) de compensação para o processo pulsão de morte / agressividade / destrutividade poderia(m) haver que não a destruição de elementos externos do mundo objetivo real?

A cultura não é a culpada pelos males da civilização. Ela, argumentava Freud, protege o homem da natureza e regula suas relações sociais, mas suscita um sentimento de culpa que pode alcançar patamar dificilmente suportável para o indivíduo. São duas as suas origens: medo à autoridade e temor ao superego. A união de ambos é muito efetiva para o desenvolvimento da civilização. O preço do progresso é a perda de felicidade por aumento do sentimento de culpa. A evolução da sociedade requer o controle das pulsões sexuais e agressivas do indivíduo, de maneira que existe uma estreita sincronia entre civilização, repressão e neurose. Quanto mais avança a primeira, mais necessária se faz a segunda e maior é a frustração gerada. Sob a coação do processo civilizatório, a agressividade se converte em sentimento de culpa, que não é notado como tal, mas permanece inconsciente ou se expressa como um *mal-estar*.

Portanto, o controle da agressividade e da destrutividade, ligadas à pulsão de morte (a antípoda da pulsão sexual), tem sido sempre a grande tarefa da civilização. Para tanto, ela tem usado ferramentas como religião, ética, arte, códigos legais, educação.

A civilização, enfim, se solidifica à medida que fortalece a capacidade de restringir duas pulsões estruturais da vida humana: sexualidade e agressividade. São elas que atacam o ser humano na incessante procura da consumação do princípio do prazer, o que, como antes se comentou, não acontecerá, uma vez que a vida em sociedade só se dá por conta das restrições reguladoras sobre estes impulsos.

E se isso é fato, mal-estar ainda maior, já da ordem do julgamento consciente (o mal-estar psico-ambiental) irrompe naqueles mais críticos e sensíveis quanto à causa ambiental, posto que, seguindo o raciocínio psicanalítico, ficaria a mais incômoda impressão ainda de que essa compensação de parte da pulsão de morte (projetada ao mundo exterior sob a forma de agressividade e destrutividade) pela destruição externa de patrimônio ambiental (pensamos aqui em termos coletivos) não só seria historicamente inexorável e fatídica, por se ligar a uma situação constitutiva estrutural da mente humana, mas até desejável, porque funcionaria como salvaguarda de nossa (auto) preservação. Mas que preservação?!

Talvez o próprio mecanismo da sublimação, se revisitado, possa fornecer algum grau de oportunidade para compatibilização da força dos desejos internos com os quereres morais decorrentes da ordem da razão.

Se, como nos ensina Joel Birman, “(...) a sublimação implica na horizontalização das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no

campo desses laços”, que possamos então investir todo nosso esforço criativo nessa horizontalização. Que possamos realizar eficiente e eficazmente a gestão de nosso desamparo interior e que a energia da frustração da não realização dos desejos mais viscerais, compreendida, enfrentada e sublimada, enfim psicanalizada, se deposite competentemente nessa horizontalização.

Enfim, o desafio dos desafios é encontrar a fórmula de intuir e racionalizar o meio para fazer Eros ir além. Disse Freud: “*Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além.*” Ir além não necessariamente pela *irrestricção* da sexualidade, mas pela construção do amor superlativo, amor antes de mais nada à vida que há dentro e fora de cada um, e que possa, ele próprio, pelo processo de sua contínua apreensão e aprimoramento, estabelecer compensações criativas às pulsões de morte.

A capacidade de formação de relações objetais (Ciclo II)

O trabalho do Ciclo II foi *Possíveis implicações sociais e ambientais da falência das relações objetais*, baseado na obra de René A. Spitz, *O primeiro ano de vida*¹⁰, com destaque para os capítulos 3 e 5: *O estágio não-objetal* e *O precursor do objeto*. Nestes capítulos, e ao longo de todo o livro, o autor nos esclarece a respeito da importância das perfeitas relações objetais (iniciais, filho-mãe) para a constituição do eu e para a saúde psíquica do indivíduo.

Spitz, cuja forma de pensar e trabalhar alinha-se à integração da psicanálise com a psicologia genética, mostra que cada idade é portadora de uma estruturação específica, resultante de estádios precedentes, e sucede a eles. Ele fará uma aproximação entre relações objetais e relações sociais.

Relações objetais ou relações de objeto são expressões usadas “para designar o modo de relação do sujeito com seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa” (conforme o Vocabulário da Psicanálise¹¹). Tal expressão não é comum na obra freudiana e o próprio Spitz informa que, ressaltando-se uma passagem em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), na qual se consideram as relações mútuas entre mãe e filho, Freud considerará o objeto libidinal apenas sob a óptica do sujeito (investimento, escolha do sujeito).

No capítulo 16, *Conclusão*, Spitz desenvolve visão bastante social para aplicação de seus estudos e achados. O raciocínio de Spitz explicita um quadro de formação (quase fabricação pela

nossa sociedade atual) de seres humanos que, falidos em sua chance inicial de desenvolver adequadas relações objetais, por conta do sequestro de suas mães (figuras maternas de qualidade), muito provavelmente determinado por alterações sócio-econômico-ideológicas da estrutura da sociedade em que as mães viviam/vivem, tornam-se incapazes de estabelecer, na vida adulta, relações pessoais e sociais de qualidade. Podemos subentender relações dotadas de limites, de respeito, de valor ético, de cooperação e amor construtivo.

Assim, se é verdade que agora estamos a formar contingentes expressivos desses ‘novos’ seres humanos, sujeitos construídos de uma forma (nova) diferente em comparação ao passado até então visto, um novo tipo de subjetivação, então também poderá ser verdade que os mesmos, ao ocuparem socialmente postos e papéis de formação de opinião e de decisão governamental e empresarial, não saberão agir em benefício do ganho social nem do ambiental, posto que muito pouco ou nada entenderão de uma relação sadia e produtiva com o(s) outro(s) e com a natureza, que é um *outro* bastante especial.

Claro que existe uma distância interposta entre aqueles casos isolados de indivíduos que por esse processo antes mencionado, ou melhor, talvez, produtos já desse modelo da ausência (física ou de qualidade) de mãe e pai “ideais” (quando cotejado ao como se dava nos moldes anteriores), tornar-se-iam precários na sua capacidade de estabelecer relações sociais adequadas, desenvolvendo dificuldades ou carências psíquicas e/ou sociais em consequência disso, e a generalização de que toda uma sociedade poderia estar padecendo simultaneamente de tal quadro. Entretanto, a forma por onde temos caminhado, o noticiário de tragédias (individuais) sociais e ambientais diariamente exposto pela mídia, as maneiras (solitárias) atuais de interação social, o comportamento cada vez mais frio e remoto de governos e de grandes organizações econômicas, procurando “fugir” seja do povo seja do cliente/consumidor, etc., parecem mais do que vaticinar, provar, que essa realidade, de fato, não só está a vir, bem como produz já suas formas de psicopatologias específicas.

Um novo imperativo do superego e um consumo totêmico (Ciclo III)

No Ciclo III apresentei o trabalho *Shopping Center – centro de consumo totêmico: pressão de risco à sustentabilidade*, com intenção de averiguar nossos hábitos de consumo, do ponto de vista de determinantes psíquicos, e sua relação com a conservação ambiental.

O ser humano tem a necessidade de consumir, a qual parece ancorada em potentes molas propulsoras: (i) a sobrevivência, (ii) a vaidade, (iii) o medo. A essas três poderíamos adicionar a suposição mais psicanalítica de que o consumo, o objeto desejado de consumo, representa simbolicamente um falo com o qual o consumidor, acredita, poderá reconquistar sua completude,

sua plenitude. Seja como for, a filosofia (ou atitude) consumista pode estar se cristalizando numa nova ordem de posicionamento diante da vida e seus questionamentos¹².

Das três molas, a primeira diz respeito ao consumo daquilo que é absolutamente necessário e bastante para que se viva e, portanto, pode ser considerada como legítima. Nessa compreensão, até um certo *quantum* (e isso pode ser polêmico), o consumo seria uma realização humana afirmativa da própria vida e, portanto, essencial à sua expressão como tal. A questão que se seguiria então é a de fixar limites: quanto de consumo é 'natural', e a partir de quanto teríamos desvios de excesso ou exagero ameaçadores da própria condição de manutenção da existência, tarefa enormemente difícil e complexa.

A segunda e a terceira dizem respeito muito mais a imaginações e desvios de caráter do que a qualquer outro elemento, e podem levar ao *consumo alienado*. É possível que, a todo rigor, o mecanismo da vaidade se confunda com o do medo. Por vaidade estamos entendendo o consumo ostentatório, desnecessário em verdade como necessidade para realização (ética) do ser, mas percebido como necessário pela pessoa a fim de abastecer-lhe o ego de segurança (nesse sentido, a vaidade de consumo não deixa de possuir também um componente narcísico). A vaidade¹³ é uma busca de exercitação de poder, e pode ser extremamente sutil, tanto que às vezes chega a ser confundida com bondade.

O consumismo contemporâneo como um neototemismo

a) Um novo superego

Nossa atual sociedade de consumo sucede a sociedade de produção dos tempos primeiros do capitalismo. O ponto crucial na contemporaneidade, em oposição à fase inicial do capitalismo, na era da produção, é que hoje mais do que nunca o gozo é permitido e estimulado. Lacan, com clareza da alteração dos processos de socialização na contemporaneidade e de seu impacto na estruturação do superego, realça o “grande número de efeitos psicológicos derivados do declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno sobre o indivíduo de efeitos extremos do progresso social” como a “concentração econômica e as catástrofes políticas”. A questão da perda da autoridade paterna é muito devida ao impacto, no interior da família, do desenvolvimento impessoal da grande corporação burocrática. Impacto que faz com que a *figura paterna* seja cada vez mais: “ausente, humilhada, carente ou postiça”.¹⁴ Porém, tal declínio da figura paterna ideal não equivale a decréscimo da pressão do superego e de suas consequências. Lacan explicou que o declínio da imago paterna abria espaço para o advento de figuras fantasmáticas de autoridade que se assemelhavam ao pai primevo do mito freudiano de *Totem e tabu*; ou seja, ao *pai-senhor do gozo* que pauta suas ações pela procura incessante da satisfação imediata. Então, hoje, os processos de socialização, ao que parece, não mais estão associados a

mecanismos de repressão, mas, pelo contrário, a mecanismos que cobram de maneira completa a gratificação irrestrita.

Contudo, a ordem – *goza!* é impossível de ser sempre e plenamente satisfeita. E esse é o problema. O superego não tem conteúdo normativo, orientador, educativo. Não explica *como* gozar ou *qual o objeto* apropriado ao gozo. Somente diz um “Goza!” sem qualificações, um puro “não ceda em seu desejo”.

b) *Um novo totemismo*

Quando presencio o frenesi das pessoas comprando num *Shopping Center* não posso deixar de pensar no que escreveu Freud em *Totem e Tabu*: “Como vimos, os integrantes do clã, consumindo o totem, adquirem santidade; reforçam sua identificação com ele e uns com os outros. Seus sentimentos festivos e tudo que deles decorre bem poderiam ser explicados pelo fato de terem incorporado a si próprios a vida sagrada de que a substância do totem constitui o veículo.”¹⁵

Freud cita, no mesmo texto, que: “Um acontecimento como a eliminação do pai primevo pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade e, quanto menos ele próprio tenha sido lembrado, mais numerosos devem ter sido os substitutos a que deu origem.”¹⁶

Talvez prossigamos dando origem a substitutos e talvez façamos isso hoje numa mega-escala, potencializada por toda a agressiva mídia, em proporções e intensidade que mesmo Freud não cogitou. As massas dirigindo-se religiosamente aos santuários *Shopping* (ordenados todos os indivíduos consumidores como cordeiros), para a refeição do objeto sagrado, bem de consumo, foco do desejo fálico de cada qual, representam, sem dúvida, a reedição *ad eternum* do gesto e depois do rito dos irmãos da horda primeva, sem que disso hoje se dêem conta, ou melhor, sem que conta se dêem conscientemente.

O totem está presente nos rituais de passagem, em que há morte de algo para que outro algo venha. No ritual, quando do estádio seguinte, há a imposição de novos tabus, novas regras. A ida ao *Shopping* é um ritual¹⁷, e talvez de passagem, na medida em que ao ir e fazer uma compra eu saio de um estádio, o de não consumidor, ou de não consumidor *daquilo*, e, portanto, não incluído em dado grupo (clã), para o de membro do grupo do produto tal ou da marca tal (pelo menos será assim que pensarei). Saio da condição de não *ter* e *ser* excluído daquilo para a de *ter* e *ser* incluído, e isso me impõe novas regras, como, por exemplo, a de ser fiel àquele produto,

uma forma de pacto religioso, divulgá-lo e cultivá-lo (enquanto me interessar, enquanto interessar ao meu gozo) como um novo totem – o totem dentro do totem...

Ao consumirem os produtos totêmicos (totêmicos para cada qual) do totem *Shopping Center*, as pessoas se santificam na impressão de satisfação, gozo, pelo bem adquirido, reforçam seu senso de pertencer àquele seletos clã ou a uma forma diferenciada de ser, ficam em festa por algum tempo, o júbilo pela posse do bem acalentado, aquilo que ele representa ou significa, enfim, parece que absorveram a substância do totem e agora estão revitalizadas, isto é, reinstalaram em si a vida, são de novo alguém, porque alcançaram o bem mágico e desejado.

Convém observar que o consumismo não se dá mais apenas no ato objetivo da compra de um bem, produto ou serviço, transação mercantil objetiva, mas também pode ser percebido no empenho por se consumir uma grande marca que funcione como um próprio sobrenome, um adendo triunfal à subjetividade.

Ora, no que concerne ao consumo, tudo faz crer que forças poderosíssimas determinam hoje o padrão *consumista* que nossas sociedades ocidentais (e em avanço nas orientais) ostentam: (i) de um lado temos, assumidos os pensamentos de Lacan, um superego que se revolucionou e em lugar de ser uma entidade da interdição, como outrora, passou a fazer a estimulação ao gozo, (ii) de outro lado temos uma sacralização totêmica do processo de compras, os modernos e cada vez mais luxuosos e convidativos *Shopping Centers* sendo o templo santo dessa operação (representação), como eram/são as catedrais na religião. No *Shopping*, os filhos – que são irmãos – compartilham da refeição totêmica simbolizada no ato da compra – comer, mastigar, deglutir, expelir, foram sutilizados pelo comprar, levar, usar, descartar. Do mesmo modo como na ritualização é preciso de tempos em tempos reproduzir a cerimônia da refeição totêmica, também cada indivíduo necessitará retornar ao *Shopping* para novamente partilhar da comunhão da compra, o que convém sobremaneira ao sistema, pois o realimenta sem fim. O *Shopping* tomou o lugar do templo e da Ciência, a compra o lugar da refeição totêmica, os outros compradores, ainda que anônimos e à distância, cumprem o papel dos irmãos da horda primitiva e apaziguam um pouco a enorme solidão dos indivíduos das sociedades contemporâneas.

Assim, temo que os esforços no sentido de alertar e/ou reeducar os hábitos de consumo desenvolvidos por muitas instituições e pessoas, baseados seja na argumentação, na conscientização, na dialética lógica de valores e estatísticas, seja em formas de reeducação, como a educação ambiental, bem como toda a discussão atual a respeito da sustentabilidade, resultarão relativamente sem efetividade, porque atuam na periferia e não no âmago da questão, o qual se relaciona exatamente com as tais forças poderosíssimas de ordem psíquica profunda, talvez pulsionais.

Será o fim? Como despertar dessa narcose, dessa distopia? Algumas pistas:

- (i) o filósofo Luc Ferry talvez nos dê uma esperança com sua proposição de uma nova forma de humanismo, a sacralidade laica do próprio homem, e a afirmação do amor¹⁸. Possibilidade a se conferir.
- (ii) Outra pista poderia ser a deduzida de Bauman, quando ele discute, em *A arte da vida*¹⁹, as formas de felicidade e aborda o binômio destino-caráter, entendendo que o caráter pode ser moldado e melhorado por nós, pois boa parte dele está sob nosso controle. Todavia, como se estrutura o “caráter”? O que é o caráter de cada qual? O caráter reúne certo conjunto de *características* de uma pessoa, mas, entendo que o caráter que se definiu em alguém repousa num arcabouço psíquico profundo. Portanto, melhorar o caráter, como pensa Bauman, seria intervir nos fatores e forças que esculpiram a psique daquela pessoa. Como fazê-lo?
- (iii) Pista mais antiga, que permanece vagando, seria retomarmos o Zaratustra na crença da possibilidade de reinventar o homem. A conferir também.
- (iv) Já sabemos que Freud atribuía grande valor ao peso do destino, tanto quanto sabemos da força determinante da cultura sobre a formação de cada *eu*. Assim, parece que a tentativa a ser feita, se isso for o que como humanidade desejarmos, deva se dar pela interação da reforma da estrutura da cultura e seu *modus operandi* com a perseverança individual de se autoconhecer, como possibilita o trabalho da psicanálise. Vale dizer, de um lado, como produto de grande e consciente esforço coletivo, deveríamos batalhar pela revisão de nossos hábitos sociais, econômicos e políticos, ainda que tão custoso isso pareça, direcionando-os para uma salvaguarda inteligente das chances de futuro para todos e para os próximos, e, de outro lado, necessitaríamos/necessitamos de um profundo mergulho na gênese de nossa personalidade (seus contornos e essência psíquica) a fim de nos desintoxicarmos de atos repetitivos e deletérios, que praticamos para preencher carências, mas que jamais poderão nisso ter êxito, posto que as incompletudes carenciais têm outro mecanismo genealógico e operacional, o que, se corretamente abordado, poderá nos aumentar a oportunidade de conquista da aqui idealizada transformação.

3. Além do princípio do prazer

Para que se tenha um sentimento mais adequado do texto *Além do princípio do prazer*, deve-se entender que, com coragem intelectual incomum, Freud menciona tratar-se de especulação, a ser aceita ou não, e nele aproxima sua metapsicologia da metafísica. O além a que Freud se refere, após suas tantas reflexões até então, é que ele já não entende tal princípio – o do prazer²⁰ – como aquele que rege o funcionamento psíquico do indivíduo. De fato, segundo Freud, há um elemento mais básico, fundamental, a interferir e como que determinar tal funcionamento psíquico, que é o conflito permanente entre pulsão de vida e pulsão de morte (ou a

compulsão à repetição). Aí está, portanto, a segunda teoria das pulsões²¹, e Freud procurará, ao máximo, desvinculá-la do momento histórico em que vivia (pós I Guerra) e dos falecimentos em sua família²².

O princípio do prazer continua a ter seu valor e influência, mas, para que ele opere, faz-se necessário que a pulsão de vida domine, ao menos parcialmente, a pulsão de morte²³.

Diferentemente de quase todas as demais postulações freudianas, que encontram ampla acolhida entre os psicanalistas, a concepção dessa dualidade pulsional segue como ponto de divergências seja pela resistência (inconsciente) de muitos em aceitarem a ideia de pulsões agressivas e destrutivas e seu papel na vida psíquica, seja porque, contrariamente de outras teses de Freud, sempre fundadas na observação clínica, aqui ele raciocinou puramente em termos teóricos²⁴, seja por objeções filosóficas de substância.²⁵

Freud já destacara que, ao contrário da pulsão de vida (das pulsões sexuais), que é muito manifesta em suas expressões, a pulsão de morte geralmente atua no corpo de forma silenciosa e é difícil que possamos perceber suas manifestações em estado puro, mas apenas as que se fundem com a libido.

Neste trabalho do Ciclo IV fixo-me em dois aspectos do *Além do princípio do prazer*:

- Primeiro, entender, superada a discussão sobre a existência ou não duma pulsão de morte, o mecanismo de ação pelo qual sua energia, originariamente destinada a refluir o organismo individual para o estado de pré-origem, isto é, de *inanimação*, portanto voltada apenas a ele, organismo, e seu ambiente interior, dele escapole e acaba se aplicando a objetos (animados e/ou inanimados) do mundo exterior.
- Segundo, de maneira quiçá insensata, retomar uma hipótese contundentemente sepultada por Freud: a da possível existência de uma *pulsão de aperfeiçoamento*.

Mecanismo de formação das pulsões de destruição e agressão

Estabelecida a existência, de remota origem, nos organismos vivos, inclusive os superiores e o humano, de uma pulsão de morte, o que interessa para minha tese – retomando: a da vinculação de forças psíquicas estruturantes com o mau comportamento ambiental das pessoas – é **como a pulsão de morte se projeta no exterior sob a forma de pulsão de agressividade e de destrutividade voltada aos elementos ambientais**. Serão tais forças, a agressão e a destruição, que, objetiva e diretamente poderão ocasionar os danos ambientais a que tenho me referido.

Em 1923, aprendemos com Freud, em *O ego e o id*²⁶, que o superego do melancólico atraiu todo o sadismo do indivíduo e seu componente destrutivo. Freud explicará esse poder autodestrutivo (que pode implicar no suicídio), raciocinando que o componente erótico da pulsão de vida já não tem mais força para “ligar” a totalidade da destruição (da pulsão de morte) e esta se torna livre, como tendência à destruição e à agressão.

Em 1924, Freud nos esclareceu mais. Em *O problema econômico do masoquismo*²⁷, faz uma correção quanto à questão do princípio do Nirvana e o do prazer, marcando que o do Nirvana exprime uma tendência à pulsão de morte²⁸ e o princípio do prazer é uma reivindicação da libido, e teoriza que a pulsão de morte, sob a influência da libido, é desviada para o exterior com a ajuda da musculatura. Suas palavras: “A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora — e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular — no sentido de objetos do mundo externo. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder.”²⁹

Na categoria *objetos do mundo externo* incluem-se outros seres vivos, como Freud já registrara em *O ego e o id*: “Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e o instinto de morte pareceria, então, expressar-se — ainda que, provavelmente, apenas em parte — como um instinto de destruição dirigido contra o mundo externo e outros organismos.”³⁰

Enfim, de acordo com Freud, a parte principal da pulsão de morte é desviada para o mundo externo sob a forma de sadismo que se projeta nos objetos (embora um resíduo da pulsão de morte remanesça no interior do indivíduo, dirigido para o próprio ego, constituindo o *masoquismo erógeno originário*). Depois, mesmo o sadismo direcionado ao exterior como projeção pode retornar à casa, sob a forma de *masoquismo secundário*.

Em 1932, Freud oferece mais nitidez para o processo *pulsão de morte* → *pulsão de destruição*, ao escrever a Einstein³¹: “O instinto de morte torna-se instinto destrutivo quando, com o auxílio de órgãos especiais, é dirigido para fora, para objetos. O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo a vida alheia. Uma parte do instinto de morte, contudo, continua atuante dentro do organismo, e temos procurado atribuir numerosos fenômenos normais e patológicos a essa internalização do instinto de destruição.”³²

Em síntese, aproprio-me do texto de Edu Bastos, da décima aula do Ciclo IV, no qual à página 7, lê-se: “Para uma compreensão dialética do dualismo pulsional com a introdução da pulsão de morte devemos entender que a pulsão de vida (eros) passa a envolver a autoconservação e a conservação da espécie e a oposição da libido objetual e da libido narcísica, seu fim é a ‘ligação’ (...), isto é, o estabelecimento de unidades cada vez maiores e que podem

deste modo persistir. A pulsão de morte faz o inverso, tem por fim a dissolução dos conjuntos, sendo o fim de todo o ser vivo e a volta ao inorgânico. Assim, tanto as pulsões de vida como as de morte são de natureza conservadora porque tendem umas e outras a estabelecer um estado de coisas anterior. Esse novo dualismo corresponde, em síntese, ao dos processos biológicos de construção e destruição em atividade no organismo.”

Edu Bastos arremata citando Daniel Lagache, no livro *A psicanálise*: “A projeção do impulso de morte, autodestrutivo, sobre os objetos exteriores dá origem a tendências destrutivas; os impulsos de vida, primitivamente investidos sobre o ego, dão por projeção a libido objetual. Não existe conduta puramente narcisista ou objetual, destrutiva ou libidinosa; todas as condutas são oposições ou combinações dos dois grupos de pulsões.”

Como reforço à compreensão do mecanismo da pulsão de morte, lembro que Melanie Klein, pioneira em aceitar a ideia freudiana de pulsão de morte e aplicá-la na clínica, considerava que o ego já existe desde nosso nascimento e é de pronto submetido à angústia causada pela polaridade inata das pulsões. Para se proteger, o ego desvia a pulsão de morte, que será parcialmente projetada no objeto externo e, em outra parte, modificada em agressão. Segundo Hanna Segal “O ponto de vista de M. Klein, tal como o compreendo, é que este desvio não é apenas uma transformação em agressividade, mas antes de mais nada uma projeção. Ao mesmo tempo, a pulsão de morte de dentro se torna agressividade (o desvio de que fala Freud) dirigida contra o objeto mau, criado pela projeção original.”

Para continuar com Melanie Klein, registre-se seu entendimento de que a inveja (um sentimento ambivalente) é uma manifestação externa da pulsão de morte³³. Ela viu um traço comum entre as duas – o de que ambas atacam a vida e as fontes de vida. Citamos isto porque nos interessa: (i) depois de consolidada a existência e operação de uma pulsão de morte, (ii) depois de radiografado seu mecanismo de transformação em agressividade e destrutividade para o mundo externo; conhecer como são as **manifestações** reais e produtoras de resultados sobre o ambiente exterior.

Pensamos que, dentre outras maneiras, a agressão e a destruição se dão por: (i) atitudes físicas (mecânicas, musculares) sobre objetos concretos do mundo objetivo (caçar, no sentido de abater, um animal – sem a fome ou o propósito da alimentação, mas como *esporte*; arrancar um galho ou derrubar uma árvore sem motivação ambiental ou vital superlativa...); (ii) pensamentos e palavras agressivos incitando à destruição e ao niilismo; (iii) atitude de omissão consciente frente à destruição causada por outrem; (iv) sentimentos cúmplices da destruição, como então a inveja conforme enunciado por Klein³⁴.

Freud, em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), ensinava que os primeiros derivados da pulsão de morte manifestam-se pela *indiferença* e pela *destruição*, sendo que a relação primária com o objeto é a *retração*, a *fuga* ou *destruição*, a *indiferença*, o *ódio* e a *aversão*.

Portanto, fica nisso tudo a marca de um perturbador não-senso: a libido (pulsão sexual, pulsão de vida) invade o território da pulsão do ego (pulsão de morte, de conservação) [contradizendo, como se aprendeu, a primeira teoria das pulsões] para não permitir que energia livre das pulsões de morte destrua o *self*. Assim:

- (i) as pulsões do ego ganham também um caráter sexual (da sexualidade);
- (ii) a comandante libido, convocando a ajuda do exército muscular, expele para o meio exterior a energia (excedente) da pulsão de morte, já agora travestida num figurino de contornos agressivos e destrutivos. O indivíduo (mero ator dessas vontades?), então, faz a descarga da tensão sobre objetos do mundo exterior (animados ou inanimados, seres vivos ou coisas, em grande ou pequena escala – imagine-se aquele que pode acionar o botão de uma potente bomba...) e até aufere algum prazer com isso³⁵. Pronto, descarregada fora a tensão advinda de uma pulsão de morte originariamente voltada contra si, o indivíduo libertou-se da ameaça de sua extinção – e sobreviveu (!!...). Como Freud viu, negociamos com a pulsão de morte dentro de um jogo econômico;
- (iii) o mesmo mecanismo, sob o comando libidinal, que para o interior acabou por operar como mantenedor/promotor da vida (daquela vida), foi, para o mundo exterior, agente da destruição.

Esse o paradoxo a que cheguei.

Resumindo: a pulsão de morte, que deveria retornar o indivíduo (organismo) ao estado inanimado, para seu sossego e bem-estar (prazer da não-tensão), recebe uma contra carga da pulsão de vida sob a forma de libido, que, com auxílio do aparelho muscular, toma uma sua parte substancial e a ejeta para o meio exterior de novo como pulsão de destruição (podendo destruir o que existe lá, vivo ou não vivo). O fluxo é então:

PULSÃO DE MORTE + PULSÃO DE VIDA (MEIO INTERIOR) → PULSÃO DE DESTRUIÇÃO (MEIO EXTERIOR).

Uma pulsão de aperfeiçoamento

Freud passou de raspão por essa hipótese no texto *Além do princípio do prazer* (1920). Vejamos sua consideração: “Pode também ser difícil, para muitos de nós, abandonar a crença de que existe em ação nos seres humanos um instinto para a perfeição, instinto que os trouxe a seu atual alto nível de realização intelectual e sublimação ética, e do qual se pode esperar que zele pelo seu desenvolvimento em super-homens.”³⁶

Mas, seu raciocínio é cristalino: a intentada pulsão de aperfeiçoamento nada mais seria do que repressão de pulsões que se consumadas trariam prejuízos individuais e/ou sociais e por isso são evitadas. Quanto mais reprime suas “pulsões potencialmente negativas” (entre aspas porque, em si, uma pulsão não pode ser ajuizada como positiva ou negativa, boa ou má, mas sua expressão concreta no mundo e na vida é que assim será percebida), mais resultará o indivíduo ascender em sua *realização intelectual e sublimação ética*. Ou seja, da negatificação das pulsões (más) deriva um comportamento perfeito (bom).

Em *O ego e o id* (1923), um aperfeiçoamento de nossos comportamentos é novamente enfocado. Em suma, a sublimação das exigências de prazer ditadas pelas pulsões sexuais (de vida), ou seja, a sua parcial e esforçada realização por meio de outros objetos (artes, ciências, literatura, religião, etc.) e, simultaneamente, o autocontrole moral sobre as pulsões de agressividade e destrutividade, lastreando atitude positiva de convivência socioambiental, seriam a matéria dessa pulsão de aperfeiçoamento, que, se pulsão não é, tais quais as enquadradas na teoria das pulsões, gera, de qualquer sorte, um comportamento benfazejo.

Insisti em algo equivalente a uma pulsão de aperfeiçoamento para que restasse alguma esperança no horizonte. Caso contrário, se a definição de uma potência negativa no espírito humano for hegemonicamente eterna e estrutural, com as pulsões de morte e de destrutividade não permitindo abertura para reeducação ou mutação com contraposições de igual calibre, então o projeto humano terá sido inviável e nada restará senão o niilismo absoluto. Assim, talvez nossa salvação como espécie passe mesmo pelo engendramento de uma pulsão de aperfeiçoamento que se não produto direto das primeiras e tectônicas forças da construção do psiquismo de cada qual venha a ser gerada por determinantes já de ordem sociopsíquica (sócioculturalpsíquica) se é que isso pode existir – tomara que sim...

Da ecologia mental do autor (um momento de autorreflexão)

Nos quatro consecutivos trabalhos apresentados ao CEP, tenho procurado compreender a falência ambiental das sociedades humanas atuais e as possíveis e recônditas causas, da ordem do psíquico, que determinariam essa néscia e inconsequente destrutividade. O eixo lógico é muito simples: (i) constatar e demonstrar o elevado grau de destruição ambiental do planeta por meio da literatura crível e especializada; (ii) prognosticar as tendências, também de acordo com os mais diversos e sérios cientistas e instituições dedicadas ao assunto; (iii) assegurada a gravidade da matéria mergulhar em análises a respeito do porquê de tal comportamento humano, migrando do filosófico ao sociológico e ao psicanalítico. A ênfase em querer entender a causa prende-se a um sonho pueril e a uma atitude pragmática de imaginar a salvação (coletiva) do planeta, subjazendo aí um juízo (pessoal) quanto àquilo que é bom e o que não é bom.

Mas tal busca ansiosa não se enraíza apenas no tempo dos quatro ciclos recém passados no CEP. Ela é desde sempre, poderia ser dito, pelo menos desde o tempo da aplicação de uma consciência prática profissional, o que equivale aos últimos 37 anos.

Tal busca – sem fim até aqui, agora colimada aos estudos de psicanálise e à própria psicoterapia do autor, lançaram-me noutra dimensão de considerações: analisar a questão não só no coletivo fora de mim, porém, concomitantemente, em meu singularíssimo perfil psíquico. Ora, a pergunta é: mas o que tanto me desassossega quanto ao futuro ambiental do planeta e da humanidade?

A formulação (ainda em termos simplórios) a que até aqui pude chegar foi:

- o planeta sendo pai e a natureza a mãe propiciaram a fecundação e o berço para a minha vida (também de todos), foi a casa à qual vim;
- a separação real que experienciei do *meu-corpo-minha-mãe* (no parto, no desmame, no Édipo, etc.) deixaram-me um passivo (a perda, a falta, a castração) não completamente absorvido ou desmontado, que acaba por se projetar vida afora em atitudes-comportamentos-atos mais intelectualizados (meras releituras da falta primeira?);
- a ansiedade na causa da salvação do planeta, da recuperação da Natureza, da conservação ambiental (do lar, do útero), reflete o trauma da criança que se viu privada de fato (do útero) e/ou talvez ameaçada (em verdade ou imaginação, não tenho esse conhecimento no racional) de perda do lar (o núcleo familiar);
- assegurar a conservação ambiental e ter controle sobre isso (como, por exemplo, na passagem que tive, apontada por todos à época como brilhante, no exercício administrativo executivo da gestão ambiental de um dado estado brasileiro) é uma forma dissimulada de dizer ao eu-menino que tudo está bem e não há riscos de perda da casa. A neurotização deu-se na construção de um discurso muito bem estruturado e articulado, recorrendo desde à linguística até à filosofia, à tecnologia e à economia, de defesa do patrimônio ambiental, bem e direito de todos.

Essa reflexão, ainda nascente, agudizou-se quando da leitura do livro *Édipo claudicante*, de Antônio Carlos Farjani, também meu professor por mais de uma ocasião ao longo desses quatro ciclos.

Muito a propósito de meus raciocínios acima, diz-nos Farjani:

“Se refletirmos acerca da história infantil de qualquer indivíduo, veremos que a princípio somente uma situação poderia ser considerada o protótipo dessa situação de plenitude perdida: o período vivido no ventre materno. Enquanto habita o corpo da mãe, o feto forma com ela o mais perfeito modelo de sistema fechado que se possa imaginar, (...) nele, a criança desconhece qualquer

sensação de falta (...). O que parece ocorrer após o nascimento é que tanto a mãe quanto o filho não conseguem a princípio elaborar essa perda, vivenciada por ambas as partes; por causa disso, ambos buscarão inconscientemente reatar esse elo rompido, de maneira a se perpetuar uma situação vivida como ideal. (...) Constitui-se então o instante do nascimento numa situação traumática por excelência, marcada pela entrada num mundo desde o início vivenciado como hostil e prenhe de frustrações; marcado pela nostalgia dessa condição perdida, o sujeito envidará todos os esforços para recuperá-la. A castração simbólica prima pela descoberta da impossibilidade da consumação desse desejo; em outras palavras, o indivíduo castrado é aquele que “desiste” dessa busca inglória ante o impacto proporcionado pela realidade. Contudo, esse desejo jamais será abandonado: ao ter acesso à ordem simbólica, o sujeito, embora desista de obter concretamente o que foi perdido, passará a buscar essa situação ideal desde outro patamar de consciência, isto é, desde a dimensão do simbólico. A busca de recuperação da plenitude narcísica queda substituída pela busca do falo simbólico (...)

Desse modo, todo e qualquer desejo que possamos nutrir após uma relativa elaboração do trauma do nascimento pode ser visto como um “desejo secundário”, apoiado sobre o impulso de se retornar ao útero materno (...).³⁷

Farjani vai à busca do mito para que o esclarecimento seja ainda mais poderoso: o Gênesis fala do paraíso terrestre, criado por Deus. Nele, o primeiro casal humano desfrutava de plena felicidade, desconhecendo qualquer angústia. O Jardim do Éden podia prover às necessidades de alimento de seus habitantes. A morte ou a doença não haviam adentrado tal local bem-aventurado; o homem desconhecia a malícia e o pecado, e a inocência era a maior de suas virtudes. Nesse mundo harmonioso, deveriam Adão e Eva viver para sempre, assistidos pela providência divina, e assim tudo ocorreria não fosse a queda no pecado original.

E avança mais o autor, refletindo que a idéia de perda de uma condição ideal que o homem teria desfrutado não é exclusiva à Bíblia, sendo encontrada em outras religiões e mitos. A mitologia universal fala de uma profunda nostalgia por uma situação de plenitude perdida no início dos tempos: certa vez, devido a um gesto de desobediência primordial, o homem acabou por se afastar de Deus. O papel da religião será proporcionar ao homem um reencontro com o divino. Por tudo isso, quando as religiões apontam para a possibilidade de se conquistar uma situação de bem-aventurança e felicidade completa, referem-se, em última análise, a algo que se deseja recuperar. O Reino dos Céus, o Valhada, os Campos Elíseos, etc., são reedições desse paraíso um dia perdido por obra de nossa temeridade.

Vamos às próprias palavras de Farjani para enfeixar a compreensão do paralelo:

“Dentro de uma perspectiva esotérica, finalmente, o Paraíso Perdido - ou a sua reedição celestial, o Reino dos Céus - encontra-se dentro do homem, cujo caminho é descoberto através da Sabedoria que é conferida pela iniciação.

Novamente constatamos (...) a relação simbólica entre a perda do paraíso e a iniciação, que podemos apresentar da seguinte forma: a) a ‘expulsão do paraíso’ ocorre indistintamente a todos os mortais, mas isso não se deve a um erro no sentido moral, e sim a uma ‘falha’ (...) representada na vida concreta pelo momento do nascimento; desse modo, a consideração de tal erro como pecado advém de uma leitura passional da questão, onde a culpa trágica transforma-se em culpa moral; b) esse momento que no nível concreto expressa-se no nascimento físico, no nível simbólico está representado pelo ‘renascimento’ espiritual proporcionado pela iniciação; a ‘falha’ aqui estará na ousadia de, por intermédio do conhecimento, tentar equiparar-se à divindade (...); paradoxalmente, essa ‘saída’ do paraíso envolve uma ‘volta’ a ele, uma vez que o conhecimento se obtém a partir de um mergulho na própria origem (...), cujo mistério está representado pelo enigma sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

(...) Sem dúvida, nenhum outro lugar poderia ser considerado melhor modelo do Paraíso do que o útero (...) Toda a sua vida, a partir do momento em que deixa esse lugar ideal, sofre o homem de uma nostalgia frente a essa condição de felicidade plena perdida ‘no princípio’.” ³⁸

Resta-me, assim, recorrer à poesia, como vazão para a dor da perda e sublimação para o desejo recalcado; artifício e divã que tenho empregado largamente:

Haja a lei do retorno – o Paraíso!
Reino dos Céus, Valhada, ou os Elíseos,
O locus que nos dê volta aos narcíseos
Sentimentos de sermos o preciso...

Aventurados nós, nessa Ilha – friso,
Ou nos Campos de Caça mais felizes,
Ou no Seio de Abraão, ou nas raízes
As mais profundas d’alma, antes do guizo...

Recuperar a Graça, a Comunhão,
Estado inconfundível: Tudo-Todo
Removido a nós pelo tolo engodo

De que nos saberíamos. Traição!
Mas já que aqui estamos, vida-e-morte,

Que nos simbolizemos nessa sorte...

Estou no ponto a que cheguei, o que parece obviedade ululante, contudo trata-se de um óbvio pleno de andanças, descaminhos, dúvidas e heroísmos também, como qualquer humano, posto que da mesma e única essência humana, ainda que tão diferentemente dispersada em cada qual. Meus préstimos e reconhecimentos a tantos, desde os mais primevos ancestrais, depois aos avós e pais, depois aos poetas, aos professores da psicanálise e, também por claro e óbvio, a esses tantos eus que habitam em mim, fazendo de seus tempos reais presentes o tempo da permanente busca...

¹ Dentre eles:

AZEVEDO, F.A., VALENÇA, M.Z. Ecofilosofia: o despertar de uma era definitiva. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade** v1, n1, out. 2008. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v1n1/rev-v01-n01-06.pdf>. Acessado em 03/outubro/2011.

AZEVEDO, F.A., VALENÇA, M.Z. Por uma ética e uma estética ambientais. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade** v2, n1, fev. 2009. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v2n1/rev-v02-n01-01.pdf>. Acessado em 03/outubro/2011.

AZEVEDO, F.A. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder Empresarial.

AGIRÁS, Revta. AGIR de Ambientes e Sustentabilidade, v1, n1, ago/nov, p. 37-53, 2009.

Revista eletrônica, disponível no endereço:

http://www.pratiqi.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=15&tmpl=component&format=raw&Itemid=110. Acessado em 03/outubro/2011.

AZEVEDO, F.A. Ainda uma vez a ética e a ética ambiental. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v3, n2, mar/jun, 2010. p. 2-9. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v3n2/rev-v03-n02-01.pdf>. Acessado em 10/julho/2010

AZEVEDO, F.A. 80 anos depois: um mal-estar ambiental. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v4, n1, p. 96-137, fev. 2011. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v4n1/rev-v04-n01-06.pdf>. Acessado em 05/março/2011

AZEVEDO, F.A. Endossustentação para a sustentabilidade. **Revinter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v4, n2, p. 164-184, jun. 2011.

Revista eletrônica, disponível no endereço: <http://intertox.com.br/documentos/v4n2/rev-v04-n02-13.pdf>. Acessado em 03/outubro/2011

AZEVEDO, F.A. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **Revinter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://revinter.intertox.com.br/phocadownload/Revinter/v4n3/rev-v04-n03-14.pdf>. Acessado em 12/maio.2012.

² DEBORD, Guy Ernest. *A Sociedade do Espetáculo* (La société du spectacle) Paris: Gallimard, 1967. No Brasil, o livro foi lançado pela editora Contraponto, com 240 p., em 1997. Uma versão eletrônica de 2003 pode ser obtida em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>.

³ LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

⁴ BECK, Ulrich. *Sociedade de risco - rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio - ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Ed. Manole, 2005.

⁶ Conforme entrevista de Ernesto Duvidovich concedida a Sérgio Máscoli no blog *Falo*, n. 2, 12/02/2009, no endereço http://falo-na-internet.blogspot.com/2009/02/falo-n2-ernesto-duvidovich-fala_12.html. Acessado em 30/10/2010.

⁷ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, 1996. v. XXI, p. 73-148.

⁸ Devo alertar que nos trabalhos dos Ciclos I e II empreguei as palavras *instinto* e *pulsão* de uma maneira quase equivalente, a despeito do rigor com que Freud, em sua obra, distinguiu uma da outra. Apesar da observação que consta na Nota 23 do trabalho do segundo Ciclo, abaixo transcrita, vale retomar a ênfase na diferenciação, como, por exemplo, destaca Geraldino Ferreira Netto (FERREIRA NETTO, Geraldino Alves. *Doze lições sobre Freud e Lacan*. Pontes Editores: Campinas, 2010. p. 153.): “Resumindo as características do instinto e da pulsão temos: o corpo dos instintos é autônomo, visa à autopreservação, não tem alteridade, acalma a tensão, é instantâneo, dessexualizado, atende às necessidades, é ligado aos órgãos internos, visa ao prazer, e é pré-especular. O corpo das pulsões é o corpo do querer, da falta (aberturas erógenas), do erotismo, do desassossego, mediado pela palavra e pela alteridade, especular e constante na busca do desejo.” A pulsão pertence ao animal racional homem, dotado de consciência e

capacidade de reflexão sobre si e seu próprio sentir. Os instintos pertencem ao domínio animal da sobrevivência. Complementando, na antes citada Nota 23 do trabalho do ciclo II dizíamos: como se sabe, há grande discussão entre os estudiosos de Freud não alemães quanto à forma mais correta de se traduzir a palavra germânica *trieb*, pois ela tem sido traduzida por instinto e por pulsão. Veja-se como esclarece o assunto a Enciclopédia Britânica: “Although Sigmund Freud, the founder of psychoanalysis, wrote in German, he used the German word *Instinkt* infrequently. He instead relied upon the term *Trieb*. While *Instinkt* generally refers to an automatic, unlearned, stereotyped response to a specific stimulus and hence is close to the English *reflex*, *Trieb* connotes urge, impulse, *impetus*, and *desire*—what in motivational psychology is called *drive*. According to the Oxford English Dictionary, this is the oldest description recorded for *instinct*, making it cognate with *instigate*.”

(<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/289249/instinct/281044/Freuds-Trieb> - acesso em 17/10/2010). Saliente-se que nas *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* editadas no Brasil pela Imago, o termo instinto foi empregado.

⁹ Mas ficamos a cogitar imaginando o que acontece quando se lança um bumerangue. Se o mal-estar vem de dentro e não do mundo exterior, o que não questionamos, se ele se projeta no externo por meio de operações negativas, destruidoras de valores e patrimônios, talvez ele retorne dessa sua viagem mais sinergizado ainda por energia negativa.

¹⁰ SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

¹¹ Laplanche, J. *Vocabulário de Psicanálise / Laplanche e Pontalis*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 443.

¹² Convivendo em simultaneidade com outras ordens, como o fundamentalismo, que é um oponente do consumismo, porque ele assume que já tem a resposta fundamental da verdade e do propósito. Nesse sentido é tão contemporâneo quanto o consumismo e não um retorno à radicalização religiosa.

¹³ A vaidade humana foi magistralmente dissecada e exposta na obra do grande filósofo brasileiro e paulista Matias Aires: *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, surgida em 1752 com o título *Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou, Discursos moraes sobre os efeitos da vaidade offerecidos a elrey nosso senhor D. José I*. (Lisboa: Na Officina de Francisco Luiz Ameno..., 1752, 403 p.).

¹⁴ LACAN, AE, p. 60-1.

¹⁵ FREUD, S. *Totem e Tabu*. Obras Completas, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. p. 144.

¹⁶ Op. cit., p. 157.

¹⁷ Deve-se fazer uma ressalva, por certo, à situação de grandes cidades que não dispõem de recursos naturais ou equipamentos urbanos (praças, parques, jardins, etc.) suficientes e apropriados para permitir a interação/integração das pessoas. Tal realidade, evidentemente, deve cooperar de alguma maneira para a hegemonia da atração que os Shoppings acabam por exercer.

¹⁸ Ver, em particular, as obras: FERRY, Luc. *Aprender a viver - Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007. 302 p. e FERRY, Luc. *A Revolução do Amor*. Coimbra: Editora [Temas e Debates](#) (Almedina). 2011. 480 p. Ver também palestra do autor, mediada pelo psicanalista Jorge Forbes, no **Café Filosófico CPFL Especial Fronteiras do Pensamento** - As transformações do mundo contemporâneo, dia 29/09/2011 na CPFL Cultura, em <http://www.cpfcultura.com.br/site/2011/09/30/cafe-filosofico-cpfl-especial-fronteiras-do-pensamento-2011-%E2%80%93-as-transformacoes-do-mundo-contemporaneo-%E2%80%93-luc-ferry-e-mediacao-de-jorge-forbes-traduzido/>. Acessado em 07/10/2011.

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 184 p.

²⁰ A noção de princípio de prazer foi desenvolvida por Freud em *Artigos sobre metapsicologia* (1915).

²¹ Para alguns autores essa é uma Terceira (e última) formulação, como em FERREIRA NETTO, Geraldino Alves. *Doze lições sobre Freud e Lacan*. Pontes Editores: Campinas, 2010. p. 166.

²² Peter Gay, em *Freud – uma vida para nosso tempo* (São Paulo, Cia. das Letras, 2012. 2ª. ed.), às pp. 400 e seguintes, retrata muito bem esse período da vida de Freud e mostra como ele próprio se opôs à tese de que estaria sob o impacto dessas circunstâncias, como registrara à época outro biógrafo, Fritz Wittels.

²³ Quinodoz (QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud – Guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 205) dirá: “Em 1920, Freud apresenta essa hipótese como mera

especulação, mas depois lhe atribuirá uma importância cada vez maior e desenvolverá suas outras implicações. Assim, em 1923, ele mostrará que, quando a pulsão de morte predomina no interior desse conflito, o componente destrutivo da vida psíquica se impõe, como no sadismo e no masoquismo; ao contrário, quando a pulsão de vida predomina, o componente destrutivo é parcialmente neutralizado e a agressividade se coloca a serviço da vida e do ego.”

²⁴ Embora, como escreve Geraldino Ferreira Netto: “(...) o fato é que sua tese [a da pulsão de morte] se confirma em alguns dados clínicos. Encontramos pacientes que insistem em repetir uma experiência traumática, em vez de simplesmente recordá-la como coisa do passado.” (em FERREIRA NETTO, Geraldino Alves. *Doze lições sobre Freud e Lacan*. Pontes Ed.: Campinas, 2010. p. 167.)

²⁵ Talvez a análise mais crítica à teoria das pulsões (e, de resto, à própria Psicanálise) seja a de Martin Heidegger (que causa certo incômodo que merece ser averiguado). A visão do filósofo alemão foi apresentada nos Seminários de Zollikon, Suíça, onde, a convite do psiquiatra Medard Boss, ele se reuniu com psiquiatras e estudantes de medicina por um período de dez anos. Nos seminários, Heidegger mostrou que a psicanálise se filia à metafísica moderna, de quem herda o modo de proceder das ciências naturais. Para ele, o conceito de Pulsão interpreta os fenômenos humanos baseado no mecanicismo, e a função metodológica do conceito atende a parâmetros das ciências naturais, pondo-se a serviço de explicações deterministas quanto ao funcionamento do humano. Freud precisa na pulsão a *pressão*, a *origem*, a *finalidade* e o *objeto*, o que, de acordo com Heidegger, se inspira na física e enquadra o homem como um objeto natural. Heidegger nos convida a pensar de forma não mecanicista sobre o homem, não tributária das ciências naturais, de uma metafísica da subjetividade, que impõe uma objetividade ditatorial, fazendo de qualquer coisa um objeto. Nesta perspectiva, nada vem à luz que não seja determinado como tal. E tudo advém para um sujeito inquiridor, que nivela e explora o objeto que a ele se contrapõe (dualidade sujeito-objeto; dialética sujeito-objeto). A representação transforma-se na única forma de captura da realidade. Tal situação aprisiona o ser humano na condição de sujeito-representante enquanto o mundo fica como que seqüestrado na de objeto-representado. Heidegger diz que a dimensão mais fundamental do existir humano não se assenta na representação de objetos e sim na compreensão pré-teórica e cotidiana que possa considerar todo o *Dasein*. A metapsicologia freudiana, por reduzir o homem a seu aparelho psíquico resultado de forças pulsionais voltadas a objetos, acaba por concebê-lo como *coisa objetificada*, o que torna sua linguagem inadequada para pensar genuinamente o *Dasein*. (*Dasein*, ou a natureza estranha da essência humana, que nos permite existir para nós mesmos no espaço – aqui – e no tempo – agora. Portanto, *Dasein* é o *ser-aí* ou o *ser-no-mundo* ou o *ser-aí-no-mundo*, o homem enquanto um ente que existe imediatamente no mundo. No coração da fenomenologia heideggeriana encontra-se o conceito de *Jeweiligkeit*: *ser-a-cada-momento* ou *de-cada-vez* (respectividade), ideia fundamental para o entendimento de *Dasein*, que não deve ser traduzido para Ser humano, homem, nem mesmo para Realidade Humana. *Ser-aí* é o homem na medida em que existe na existência cotidiana, do dia-a-dia, junto com os outros homens e em seus afazeres e preocupações). O filósofo Herbert Marcuse procurou conciliar a (aparente?) disparidade Freud-Heidegger. Membro da Escola de Frankfurt, ao tentar combinar tais pólos opostos, procurou libertar o pensamento freudiano de sua prisão no racionalismo tecnocrático. No livro de 1955, *Eros e civilização*, ele concorda com Heidegger, considerando a sociedade tecnocrática como um sistema organizado do não-ser, o que em bases psicanalíticas podia ser entendido como uma manifestação da pulsão inconsciente de morte. Para Marcuse, as sociedades modernas são, por parte de seus controladores, impulsionadas por um desejo inconsciente de fazer tudo regredir ao estado do nada, sendo sua razão e racionalidade mero disfarce para controlar as forças eróticas da vida.

²⁶ FREUD, S. *O ego e o id* (1923). Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, 1996. v. XIX. p. 15-80.

²⁷ FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo* (1924). Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, 1996. v. XIX. p. 173-188.

²⁸ Gostaria de acrescentar um comentário de Hanna Segal, que, de alguma maneira, reinsere a ideia do *sentimento oceânico*: “Freud se refere, às vezes, a esta rejeição da perturbação como sendo o princípio do Nirvana. Esta formulação me parece, no entanto, uma idealização da morte e da pulsão de morte ligada à de uma fusão com o objeto, como no sentimento oceânico.” SEGAL, H. Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In: GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988. p. 30.

²⁹ FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo* (1924). Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, 1996. v. XIX. p. 181.

³⁰ FREUD, S. *O ego e o id* (1923). Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, 1996. v. XIX. p. 54.

³¹ Em 1931, a Liga das Nações (substituída, depois de seu fracasso que resultou na Segunda Guerra Mundial, pela ONU) incumbiu o Instituto Internacional para Cooperação Intelectual a promover que intelectuais de grande projeção se correspondessem, discutindo problemas importantes da humanidade. Um dos primeiros indicados foi Albert Einstein, que escolheu Freud para interlocutor.

³² FREUD, S. *Por que a guerra?* (1933). Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, v. XXII, 1996. p. 204.

³³ SEGAL, H. Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In: GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988. p. 39.

³⁴ KLEIN, Melanie. Inveja e Gratidão. *Obras Completas de Melanie Klein*: Vol. III Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1957). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

³⁵ Como dizem Laplanche e Pontalis: “Com efeito, como por diversas vezes Freud sublinhou, os fatos mostram, mesmo nos casos em que a tendência à destruição de outrem ou de si mesmo é mais manifesta, em que a fúria de destruição é mais cega, que pode estar sempre presente uma satisfação libidinal, satisfação sexual voltada para o objeto ou gozo narcísico.” Laplanche, Jean. *Vocabulário de psicanálise* / Laplanche e Pontalis. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Verbete Pulsões de Morte, p. 409.

³⁶ FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920). Rio de Janeiro: Imago Ed., Obras Completas, 1996. v. XVIII. p. 52.

³⁷ FARJANI, Antonio Carlos. *Édipo claudicante*. Edicon, 1987. p. 166-7.

³⁸ Idem, p. 167-9.

1º Semestre 2012

Ciclo V

Aluno: Any Marise Ortega

Título: “A Imaginação Criadora do Analista na Situação Transferencial: Debate Teórico e Estudo de Caso”

1. A “imaginação analítica”

Freud, em “A Interpretação dos Sonhos” (1996a, p.131) afirma que “*interpretar* um sonho implica atribuir a ele um *sentido*”, explicando que se trata de “substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante”.

Desse modo, para Freud o primeiro passo no emprego desse método interpretativo seria tomar como objeto de atenção não o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Evitar-se-ia, assim, a situação em que “o horizonte mental do paciente novato costuma transformar-se num vazio” quando se questiona “o que lhe ocorre em relação a esse sonho”. Freud entende que, diante do “fracionamento” do sonho, o paciente dará “uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os ‘pensamentos de fundo’ dessa parte específica do sonho”. A este modo de condução da análise Freud associa o termo “método de decifração”. (Freud, 1996a, p.138)

Visto isto, fica clara a importância técnica da capacidade do analista de selecionar frações do sonho e oferecê-las ao analisante para que elabore as associações. Nossa hipótese é que esta *habilidade analítica* depende de imagens inconscientes formadas pelo analista que, no processo transferencial, ao ouvir o sonho, pode reconstruir a cena.

Freud adverte, no entanto, que:

“Meu método não é tão cômodo quanto o método popular de decifração, que traduz qualquer parte isolada do conteúdo do sonho por meio de um código fixo. Pelo contrário, estou pronto a

constatar que o mesmo fragmento de um conteúdo pode ocultar um sentido diferente quando ocorre em várias pessoas ou em vários contextos.” (1996a, p.139)

Logo, é somente o paciente que pode atribuir sentido ao próprio sonho. No entanto, o papel do analista aqui se coloca ativamente na interpretação do sonho quando ele é capaz de, com base nas imagens construídas no seu inconsciente a partir do que foi escutado do analisante (na transferência), apontar o que há de singular nas cenas, sendo isso já parte da condução da técnica de interferência na estrutura psíquica do paciente.

Freud, em “Sobre a Psicoterapia” (1996b, p.245), lembra que os médicos em geral praticam constantemente a psicoterapia, mesmo que sem o saber ou ter essa intenção, concluindo que “só que constitui uma desvantagem deixar tão completamente entregue aos enfermos o fator psíquico da influência” que é exercida sobre eles, uma vez que não seria possível manejá-la: controlar, dosar ou intensificar. Freud entende, nesse sentido, que é um esforço legítimo o do analista “dominar esse fator, servir-se dele intencionalmente, norteá-lo e reforçá-lo”. Entendemos aqui que este norte advém justamente da imagem inconsciente criada pelo analista a respeito da conformação psíquica e dos desejos do analisante.

Pelo que foi discutido, indicamos que o cerne deste trabalho é a imaginação criadora de que deve se valer o psicanalista na sua relação transferencial, esta entendida aqui de acordo com Laplanche e Pontalis (2008, p.514) como “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica”.

Sobre o conceito de imago, Laplanche e Pontalis (2008, p.235) escrevem que:

Define-se muitas vezes a imago como ‘representação inconsciente’; mas deve-se ver nela, em vez de uma imagem, um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o sujeito visa o outro. A imago pode portanto objetivar-se tanto em sentimentos e comportamentos como em imagens. Acrescente-se que ela não deve ser entendida como um reflexo do real, mesmo que mais ou menos deformado; é assim que a imago de um pai terrível pode muito bem corresponder a um pai real apagado.

Produzir imagos se faz necessário para que o analista possa potencializar a escuta. Acreditamos que esta atividade conte com o papel ativo do analista que, auxiliado pelo construto da imago, é capaz de operar a decomposição dos sonhos, do discurso ou de outras produções

(como os desenhos infantis) e, a partir disso, propiciar sua leitura como um texto que expresse os recalques do outro.

Sartre, na obra *A Imaginação* (2009, p.39), afirma que há três fatores de associação criadora: um fator intelectual, um fator afetivo, e um fator inconsciente. Quanto ao primeiro, esclarece-nos que diz respeito à faculdade de que dispõe o homem de pensar por analogias. Com relação ao segundo fator, que Sartre também denomina de emocional, e que inspirando-se em Ribot, esclarece-nos que é uma instância que permeia o trabalho dos psicanalistas, interferindo na transferência.

No que diz respeito ao fator inconsciente, Sartre o define como uma mescla de intelectual e afetivo, lembrando-nos porém de que nunca temos consciência pois as associações não aparecem para nós conscientemente. Esclareceremos este ponto a partir de uma frase de Bergson: “Uma imagem pode *ser sem ser percebida*; pode estar presente sem estar representada.” (*apud* Sartre, 2009, p.41)

Podemos aprofundar tal discussão acerca da natureza das imagens inconscientes pela investigação da produção artística. Garin, na obra *Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano* (1996, p.97), tematiza acerca do papel do pintor, chamando-o de artífice, desde que esteja apto a descobrir o segredo da “artificiosa natureza”, o que só é possível quando caminha da visão superficial para a profunda, de forma “a integrar-se ele próprio à causa”. Trata-se aqui de pensarmos no ato criador e experiencial do artista em relação àquilo que deseja ver expresso.

Garin (1996), a fim de marcar profundamente o que denomina de “ponto mágico de união” entre a ciência do pintor e a ciência da natureza, lança mão de um dizer de Da Vinci:

Impelido pela minha ávida vontade imaginando poder contemplar a grande abundância de formas várias e estranhas criadas pela artificiosa natureza, enredado pelos sombrios rochedos, cheguei à entrada de uma grande caverna, diante da qual permaneci tão estupefato quanto ignorante dessas coisas. Com as costas curvadas em arco, a mão cansada e firme sobre o joelho, procurei, com a mão direita, fazer sombra aos olhos comprimidos, curvando-me cá e lá, para ver se conseguia discernir alguma coisa lá dentro, o que me era impedido pela grande escuridão ali reinante. Assim permanecendo, subitamente brotaram em mim duas coisas: medo e desejo; medo da ameaçadora e escura caverna; desejo de poder contemplar lá dentro algo que fosse miraculoso.

Quando nos lançamos numa aventura de análise, temos que esculpir uma imagem utilizando as duas mãos; com a direita fazemos a sombra necessária para não sermos cegados

pela grandeza do ato que nos aguarda, e com a esquerda esculpimos uma imagem primeira que seja capaz de dar forma a esta “artificiosa natureza” que se encontra diante de nós.

O material de que lançamos mão para isso são as primeiras palavras soltas pelo analisante, naquilo que conhecemos como um dos princípios da psicanálise, que é a livre associação. Cada palavra solta nas entrevistas preliminares deve marcar pontos no mármore de maneira que se construa uma imagem que tenha esboços das marcas psíquicas do analisante de forma que contenha pistas de sua estrutura psíquica fundante. Sem esta imagem, o analista não terá como, à moda de Sócrates, inquirir a memória do analisante, posto que será a partir dessa imagem que o corpo histérico, obsessivo, psicótico, terá o seu contorno. Aí então surgirá um homem curvado, uma mulher que manca, uma criança despenteada, ou alguém que ainda não conseguimos definir se portador de um seio.

2. Um estudo de caso

Neste item pretendemos relatar um caso que não chamarei de “clínico”, porque se passou em instituição educacional em que acompanhei, há algum tempo, um trabalho pedagógico diretamente em sala ambiente com crianças pequenas. Trata-se do menino Alexandre (nome fictício), então de quatro anos completos, cujo pai enfrentava problemas de alcoolismo.

Mesmo nessa situação, o pai de Alexandre levava-o sempre para a instituição. Percebi fortes laços entre o pai e o menino, com expressão de carinho como beijos ao deixá-lo. Alexandre tinha saúde frágil, conservando-se sempre muito franzino. Em determinadas épocas faltava bastante, porém no momento que nos interessa aqui vinha com bastante frequência.

Alexandre sempre chamou muito minha atenção por falar sussurrando, de forma quase inaudível, dando a impressão de não querer ser escutado por outrem. Até para brincar fazia gestos que denotavam solicitação de licença. Enfim, faltava espontaneidade a esta criança. À hora das refeições, seus gestos denunciavam um impedimento de levar a comida à boca, e quando desejava mais alimentos também sussurrava.

Ocorreu, então, que o pai de Alexandre veio a falecer de forma súbita, em casa. A mãe não permitiu que o menino soubesse do ocorrido, levando-o para a casa de parentes. O pai foi velado e enterrado, e Alexandre chegou a acompanhar a mãe nas providências de ordem trabalhista a que tinha direito, mas não foi, ao que se soubesse, comunicado do falecimento.

Num determinado dia, com a morte do pai ainda bastante recente, Alexandre, ao realizar uma brincadeira em casa, alegou ter machucado a perna, e a partir de então passou a não andar

mais. A instituição foi informada desses acontecimentos e passou a insistir para que Alexandre voltasse a participar das atividades.

Educadores e gestores insistiram, sem sucesso, com a família para que revelasse ao menino a verdade sobre o pai, uma vez que até então ele, por suposto, ainda não saberia do ocorrido. De fato, para nós realmente parecia, pelo que se percebia por meio da fala da criança, que a comunicação a ele não havia chegado.

O que nos interessa aqui é aquilo que Dolto (2002) tanto insiste, que é a revelação da verdade em qualquer situação e a questão do luto que esta criança não podia fazer. Alexandre foi levado a especialistas e todos os diagnósticos médicos apontavam ausência de trauma na perna.

Eu tinha consciência de que não podia fazer a análise de Alexandre, já que estava em função pedagógica. Porém, de alguma forma poderia escutá-lo psicanaliticamente, e resolvi fazê-lo por meio de uma brincadeira que envolvia pequenas peças que permitiam, se manipuladas, resultar em formas de objetos (um jogo de montar comum). Todos os dias as crianças brincavam com este jogo, e usei estes momentos, dentre outros, para escutá-lo.

Neste caso específico de Alexandre, entendi que deveria ajudá-lo na elaboração do luto e foi o que fiz: conversava com ele bastante nesses momentos, sobre assuntos vários, sempre me interessando pelas figuras que montava, já que sempre se recusava a ter ajuda de outros coleguinhas. Via-o com constância montar o que ele chamava de “máquinas devoradoras”, que ele construía e destruía expressando ali sua agressividade.

O ponto culminante desse trabalho se deu quando o observei montando a figura abaixo, em primeiro plano:

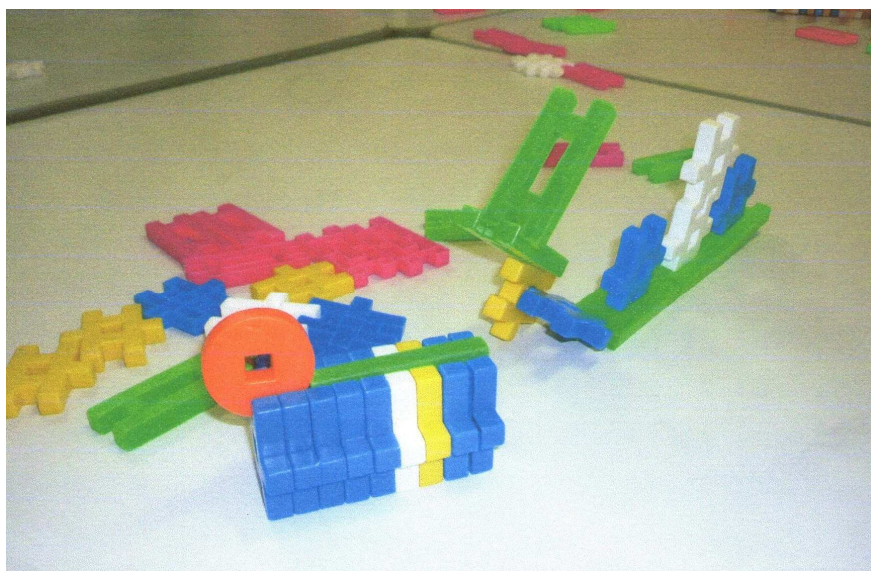


Figura 1. O “homenzinho descansando feliz”, em primeiro plano. Ao fundo, as “máquinas devoradoras”.

Atentamente acompanhei a montagem desta imagem e fui indagando o que ele pretendia mostrar, e a resposta primeira foi a de que ali havia um homenzinho (peça verde = corpo, e peça laranja = cabeça). Indagado novamente sobre o que o homem estava fazendo, ele relatou que descansando bastante feliz, e em companhia de um outro homenzinho que descansava num patamar abaixo (figura 2: peça verde embutida em paralelo).

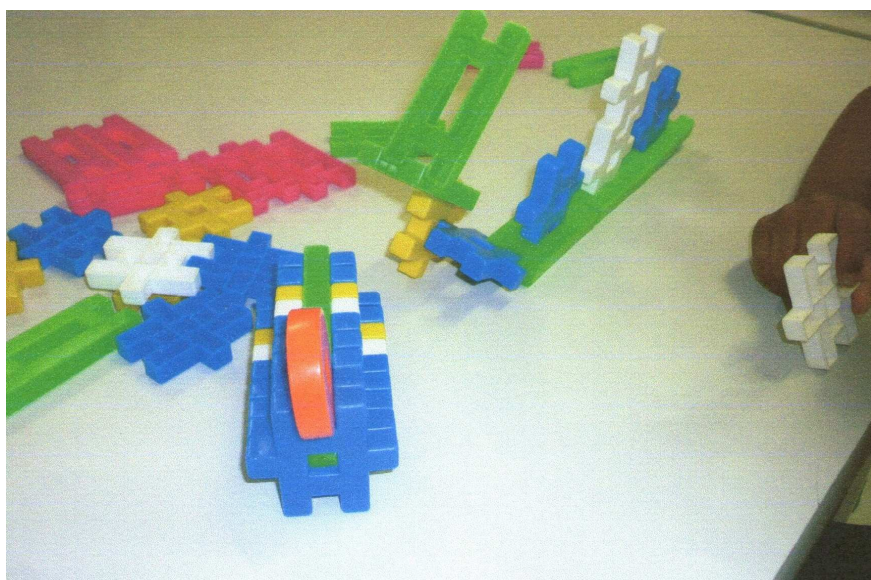


Figura 2. O segundo homenzinho (bloco verde embutido).

Minha imaginação de psicanalista percebeu que aquilo se tratava de um túmulo com pai e filho imobilizados, juntos, como Alexandre e seu pai quando este vivia. Efetivamente, Alexandre estava imobilizado, andando em cadeira de rodas, querendo comunicar que sem a possibilidade do luto, enterrado estava.

Perplexa com o que pude enxergar nesta montagem, procurei colegas educadoras com sensibilidade de escuta de crianças, as quais, sem que tivessem acompanhado o processo, não puderam imediatamente saber do que se tratava. Quando eu o comunicava, o espanto era a reação. Acredito que minha escuta só se fez possível porque era uma relação calcada na transferência.

A produção da montagem que mostramos acima mudou a expressão facial da criança, tornando-a mais comunicativa, porém não teve força de fazê-la andar novamente. Eu não poderia lhe revelar a morte do pai, por questões éticas, mas percebia que ele sabia que falávamos sobre isso. E ele me comunicou, por esta imagem, que aguardava que o segredo não se mantivesse no âmbito da família.

Para que eu pudesse enxergar naquela imagem o sofrimento psíquico de Alexandre, lancei mão do conceito de Dolto de *imagem inconsciente do corpo*, que nasceu de sua prática com crianças. Foi como se eu tivesse à minha frente um quebra-cabeças chinês e o decifrasse à maneira freudiana da interpretação dos sonhos, o que só poderia ser montado e dotado de sentido por ter pistas da estrutura psíquica fundante, devido à convivência cotidiana com esta criança, observando-a no seu brincar, nos seus gestos, nos seus atos falhos, enfim, em suas livres-associações, mesmo fora daquilo que a psicanálise denomina de *setting*.

3. Referências

- DOLTO, F. Tudo é Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.IV), 1996a (Trabalho original publicado em 1900)
- FREUD, S. Sobre a Psicoterapia. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.VII, p.241-254), 1996b (Trabalho original publicado em 1905)
- GARIN, E. Ciência e Vida Civil no Renascimento Italiano. São Paulo: Ed. UNESP. 1996.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- SARTRE, J.-P. A Imaginação. Porto Alegre: L&PM, 2009.

1º Semestre 2012

Ciclo VI

Aluno: Marciana Borges de Freitas

Título: “Fragmentos de um Discurso Amoroso”

“Uma lata existe para conter algo Mas quando o poeta diz: “Lata” Pode estar querendo dizer o incontível Uma meta existe para ser um alvo Mas quando o poeta diz: “Meta” Pode estar querendo dizer o inatingível Por isso, não se meta a exigir do poeta Que determine o conteúdo em sua lata Na lata do poeta tudo nada cabe Pois ao poeta cabe fazer Com que na lata venha caber O incabível Deixe a meta do poeta, não discuta Deixe a sua meta fora da disputa Meta dentro e fora, lata absoluta

Deixe-a simplesmente metáfora.”

(“Metáfora”- Gilberto Gil)

Ao voltar meu olhar para meu próprio percurso durante o curso de formação em psicanálise, é difícil abordar o primeiro elemento da tríade proposta por Freud para a formação do analista – o estudo da teoria psicanalítica – sem pensar nos outros dois elementos fundamentais: minha análise pessoal e minha experiência em supervisão, essa última ainda insipiente porque recém começada, e também porque não exerço ainda a escuta psicanalítica na clínica. Portanto, este texto apontará temas resultantes de meu estudo da teoria psicanalítica até agora, e os outros dois elementos do tripé servirão de pano de fundo para a minha reflexão.

Minha primeira interlocução com o curso foi responder, durante o processo de seleção, à pergunta proposta em questionário: “O que te traz a esta instituição?” Respondi que era minha *busca por um renascimento*. Hoje, seis ciclos depois, poderia fazer aquela mesma pergunta durante um primeiro encontro a um futuro paciente, e quiçá ouvir a mesma resposta.

No trabalho de conclusão do ciclo VI, cito o escritor Italo Calvino: “ ***dentro do contexto do imaginário de uma civilização, uma história que funciona terá sempre outros pontos em comum com outra história que funciona***”. Hoje, já nem me lembro do sentido que eu penso ter dado àquele meu enunciado: “*busco meu renascimento*”. Mas se a mesma frase fosse endereçada a mim como analista por um potencial paciente, o sentido que seria construído no setting passaria pelo viés de meu enunciado anterior, e afetaria a minha escuta com aquele analisando. Eu possivelmente *relembraria* o antigo sentido que possa ter dado à minha resposta

ao questionário. Assim, uma eventual intervenção minha relativa à frase vinda do futuro paciente resultaria desse conjunto de significantes que a frase traria em si.

Com isso quero dizer que minha atenção como futura analista flutua hoje, muito menos em torno das possibilidades de interpretação dos sintomas do analisando, e muito mais visando perceber como a fala de meu analisando deverá me afetar psiquicamente na transferência. Não tenho como desejável para mim uma escuta que busque a construção de sentido através da interpretação - mesmo que essa seja decorrente da atenção flutuante e da livre associação - sem que eu possa concomitantemente internalizar minha percepção de como aquelas falas, e aquela construção, me afetam na transferência, ou fora dela.

A definição de afeto no Vocabulário da Psicanálise (Laplanche e Pontalis 2008) é : **“...qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.”**

Acerca da transferência, : ... **“repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada”... “constitui, tanto para o sujeito como para o analista, uma maneira privilegiada de apreender “a quente” e in statu nascendi os elementos do conflito infantil...”**

Ou seja, a relação de transferência antecipa e precipita o *sentido* do sentido que está sendo construído, revelando como os enunciados, e as construções feitas a partir deles, são *sentidos*, *percebidos*, e por que não, *recebidos*. Desse ponto de vista, me parece que a experiência do analista, do lugar de objeto a , depende, parcialmente, de um filtro afetivo que ele, também sujeito, precisa usar em favor do analisando. É como se o analista tivesse um segundo olho voltado pra ele mesmo, a cada vez que uma construção de sentido está a caminho, como parte de uma autoperlaboração.

Até Freud, perlaboração é descrita como um trabalho do analisando, como em “Inibição, Sintoma e Angústia (1926). Melanie Klein sublinhou o papel do analista no processo: **“A nossa experiência cotidiana confirma constantemente a necessidade de perlaborar ; tanto assim que vemos pacientes que adquiriram insight em determinada fase recusarem esse mesmo insight nas sessões seguintes; às vezes, até parecem ter esquecido que jamais esse insight tenha sido deles. Só tirando as nossas conclusões do material, tal como ele reaparece em diversos contextos, e interpretando-o adequadamente, ajudamos progressivamente o paciente a adquirir insight de forma mais duradoura.”** (in: Laplanche e Pontalis)

Tais “conclusões” , como possibilidades de significação, deverão refletir a experiência do analista a partir da “fala” do analisando. Caso contrário, corre-se o risco da interpretação desmembrada da relação de transferência, transformada em uma construção intelectual, mesmo quando carregada de emoção, interesse ou atenção por parte do analista. Usando palavras de Piera Aulagner,

poderia tornar-se uma ***“interpretação abusiva, que confronta o sujeito com um modelo pré-fabricado do Eu, e com um modelo pré-fabricado da organização inconsciente, duplo modelo que se pretende generalizável e ao qual o analisando deverá conformar-se.”***

Aulagnier propõe o conceito de “teorização flutuante”, que se refere a algo “imprevisível” que se passa no setting, que se torna possível porque é da ordem do originário, permitindo manifestações inconscientes que *surpreendem* a dupla sempre que estão em ressonância. Não se trata de se desvendar um sentido. Há uma criação conjunta, em que o analista se *surpreende* com algo, e o analisando se percebe produzindo uma nova versão de sua história. O objetivo da análise é “reforçar a ação de Eros à expensa de Tânatos, tornar mais fácil o acesso ao direito e ao prazer de pensar, de desfrutar, de existir...”

Essa percepção do analista de que é afetado pela fala do analisando é substancialmente diferente da imago do detentor de um saber des-implicado do tripé da análise pessoal, teoria e supervisão. Aulagner insiste que ***“o sujeito que se senta numa poltrona só devia se reconhecer este direito se ele próprio fez a experiência de uma análise e também se foi capaz de se impor o esforço necessário – e ele é grande – para adquirir um saber que não pode reinventar e que não se absorve magicamente.....A experiência nos prova que estes conhecimentos reúnem tanto o que poderíamos chamar de os universais do funcionamento psíquico (a sexualidade infantil, o recalque, a fixação) quanto os universais que concernem ao “funcionamento transferencial”..., e as únicas condições que podem permitir que a ação da transferência seja posta a serviço da finalidade à qual se propõe nossa prática.”***

Se a clínica do analista, e suas intervenções, dependem de como esse analista é afetado pelo analisando na transferência do ponto de vista de sua história psíquica, as circunstâncias da cultura em torno das quais o analista e o analisando gravitam também deverão afetar a transferência. Um exemplo clássico é a questão dos preconceitos que construímos e carregamos ao longo de nossas vidas, e que podem afetar a clínica do analista do ponto de vista de sua escuta. Em sessão de supervisão, ouvi o seguinte recorte:

a paciente é uma mulher de 33 anos cuja queixa é o desamparo, depressão, desanimo. Em seu histórico familiar, o pai ausente aparece como tendo sido um marido inconstante para a sua mãe ,e que teve outros 15 filhos, com mulheres diferentes. Ainda sobre o pai, há uma suspeita na família de que seu pai tenha tido hábitos pedófilos ao longo dos anos. Um dos desconfortos da paciente em relação ao pai é o de que ela se sente observada por ele “de um jeito estranho”.

O fato de que o pai teve 15 filhos com mulheres diferentes poderia suscitar a impressão, ou mesmo a hipótese, de que isso tenha sido um desconforto para a paciente: “ não é a toa que ela se sente desamparada...!” E suscitaria tal ideia se não fosse considerado o fato de que para muitos sujeitos, ter tido um pai que teve 15 filhos pode não ter sido uma questão, ou se o foi, pode ter provocado algo inimaginável na paciente, sem nenhuma relação com o que a cultura vigente traduz como indesejável ou inaceitável. Ou seja, a escuta de um enunciado como aquele implica perceber que existe uma cultura do sujeito(meu analisando) a ser *“delicadamente”* (parafraseando

Maria Rita Kehl sobre a delicadeza) desvendada, e que não serão os meus parâmetros morais ou culturais que servirão de medida para o sentido que será construído sobre seu sofrimento, ou prazer.

Ainda refletindo sobre uma possível auto-perlaboração do analista, o manejo da transferência poderá ser altamente beneficiado por essa pré-disposição de *se ver sendo afetado*, às vezes tão intensamente como o paciente o é, quando fica evidente que existe um enamoramento do analisando pelo analista. Através dessa atenção, o analista terá mais recursos para exercer sua escuta como é sugerido por Freud em “Observações Sobre o Amor Transferencial”: ***“É, portanto, tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes; é um caminho para o qual não existe modelo na vida real. [.....] Deve manter um firme domínio do amor transferencial, mas tratá-lo como algo irreal, como uma situação que se deve atravessar no tratamento e remontar às suas origens inconscientes e que pode ajudar a trazer tudo que se acha muito profundamente oculto na vida erótica da paciente para sua consciência e, portanto, para debaixo de seu controle.”***

A modernidade pragmática de nossos tempos produz “indivíduos” que se tornarão “sujeitos” em análise, e - seria desejado - fora dela. Se a modernidade implica, muitas vezes, a exacerbação da técnica em detrimento da experiência, cabe ao analista manejar uma *experiência* dentro do setting e através da transferência, fruto de sua subjetividade e não diretamente de sua técnica, nem de seu conhecimento teórico, suas crenças, valores e expectativas. De um ponto de vista estritamente filosófico, Walter Benjamin, filósofo alemão do início do século XX, já antevia essa condição: ***“A aparente segurança fornecida pela eficácia técnica desmoraliza a experiência. A experiência..... depende da imaginação para se sustentar, e assim permite que cada um formule sua própria versão do que foi transmitido. Mas fornece um conjunto de referências reunidas em novas informações. Desgarrados dessas referências, as pessoas ficam ao mesmo tempo esvaziadas de sabedoria e disponíveis para qualquer coisa que lhes for oferecida ou imposta. “Pois qual o valor de nosso patrimônio cultural se a experiência não mais o vincula a nós?”*** (citado por Kehl, M.R 2009)

Ainda acerca da experiência, Winnicott não somente corrobora com essa ideia, como acrescenta o valor da poesia neste contexto: ***“ A capacidade de criar imaginativamente o sentido das coisas é um traço essencial da natureza humana e, portanto, uma das bases da civilização. Essa base está hoje seriamente ameaçada pela objetificação exacerbada promovida pela técnica. Só se pudermos “voltar à poesia”, diz Winnicott,..... talvez possamos ter o sentimento que a civilização ainda tem alguma esperança”*** (2003)

E finalmente, sobre as palavras. Que elas venham, e o analista não as busque. Que elas se atrasem, e o analista não as apresse. Que elas não transformem a pergunta (quando houver uma) em interrogação, nem roubem o lugar dos olhares, dos sorrisos, dos suspiros e movimentos; que elas não congelem os pensamentos, nem os derretam – que elas os *respirem*, e os deixem ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Laplanche e Pontalis “Vocabulário de Psicanálise” Martins Fontes (2008)

Aulagnier, P. “Os Destinos do Prazer” Imago (1979)

“O Aprendiz de Historiador e o Mestre-Feiticeiro: do Discurso Identificante ao Discurso Delirante” Escuta (1989)

Birman, J. “Mal-Estar na Atualidade” – Civilização Brasileira - 2011

Freud, S. in “Obras Completas”: “Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos” (1920-23) ; “Observações Sobre o Amor Transferencial” (1912) ; “Inibição, Sintoma e Angústia”(1926)

KEHL, Maria Rita. Delicadeza. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC, 2009, p. 453-454.

Dias, Elsa Oliveira “A Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott” (2003) Imago

Calvino, Ítalo, in: “As Aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi – Cosacnaify p.355

Gil, G. “Metáfora” in: CD “Luminoso”(2009)